



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

ANDRÉ LUIS BARBOSA DE OLIVEIRA JUNIOR

**OS NÃO-LUGARES E A EMERGÊNCIA DO JORNALISTA FLEXITEMPO NAS
PRODUÇÕES EM TELEJORNALISMO**

JOÃO PESSOA
2025

ANDRÉ LUIS BARBOSA DE OLIVEIRA JUNIOR

**OS NÃO-LUGARES E A EMERGÊNCIA DO JORNALISTA FLEXITEMPO NAS
PRODUÇÕES EM TELEJORNALISMO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Jornalismo (PPJ) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Jornalismo, na Área de Concentração *Produção Jornalística* e na Linha de Pesquisa *Processos, Práticas e Produtos*.

Orientadora:

Dra. Fabiana Cardoso de Siqueira

JOÃO PESSOA
2025

**Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação**

048n Oliveira Junior, André Luis Barbosa de.
Os não-lugares e a emergência do jornalista
flexitempo nas produções em telejornalismo / André Luis
Barbosa de Oliveira Junior. - João Pessoa, 2025.
87 f.

Orientação: Fabiana Cardoso de Siqueira.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA.

1. Telejornalismo. 2. Produção jornalística. 3.
Jornalista flexitempo. 4. TV Paraíba. I. Siqueira,
Fabiana Cardoso de. II. Título.

UFPB/BC

CDU 070 (043)



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aos onze dias do mês de julho de 2025, às 14 horas, por videoconferência, foi realizada, em sessão pública, Banca de Defesa de Dissertação de Mestrado do aluno **ANDRÉ LUIS BARBOSA DE OLIVEIRA JUNIOR**, sob a matrícula **20231005547**, cuja pesquisa intitula-se **“OS NÃO-LUGARES E A EMERGÊNCIA DO JORNALISTA FLEXITEMPO NAS PRODUÇÕES EM TELEJORNALISMO”**, para obtenção do título de Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba.

AVALIAÇÃO:

(x) Aprovado(a) () Reprovado(a) () Insuficiente

As observações sobre o trabalho acadêmico encontram-se no verso desta ata.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
gov.br
FABIANA CARDOSO DE SIQUEIRA
Data: 11/07/2025 15:57:28-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. FABIANA CARDOSO DE SIQUEIRA
Presidente

Documento assinado digitalmente
gov.br
ZULMIRA NÓBREGA PIVA DE CARVALHO
Data: 11/07/2025 17:44:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. ZULMIRA NÓBREGA PIVA DE CARVALHO
Examinadora Interna

Documento assinado digitalmente
gov.br
VERONICA ALMEIDA DE OLIVEIRA LIMA
Data: 12/07/2025 20:00:28-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. VERÔNICA ALMEIDA DE OLIVEIRA LIMA
Examinadora Externa ao Programa

Dedico àquela que colocou a realização dos meus sonhos como meta da sua vida, minha mãe, Shirley Alana de Barros.

AGRADECIMENTOS

Rendo todo o meu agradecimento e glórias àquele que é detentor de todo conhecimento: Deus. Tudo é Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas. Por sempre me mostrar que é possível realizar meus sonhos e por fazer muito além do que eu imagino, muito obrigado. Foram dois anos de muito cansaço e sacrifícios entre as estradas que ligam Campina Grande a João Pessoa. Sabias das minhas necessidades e anseios, e fizeste todos os impossíveis se tornarem possíveis. Foi tudo exatamente como diz na tua palavra: “Todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus”, Romanos 8:28.

Gratidão aos que estiveram, a todo o tempo, preocupados com minhas idas e vindas, e sempre mostraram-se dispostos a me ajudar diante de qualquer dificuldade: minha mãe, Shirley Alana de Barros, e meu “padrasto”, João Ferreira do Nascimento Neto. Obrigado por incluírem minhas realizações pessoais como objetivo das vidas de vocês.

Àquela que continua sendo a maior guia, mentora e inspiração de todas as fases da minha vida, e a dona de todo o meu amor: minha avó paterna, Rosilda Barbosa de Oliveira. Obrigado por suas orações e intercessões sempre. Sigo o caminho da educação, das artes e da perseverança graças a senhora. És tudo para mim.

Muito obrigado à minha noiva, Rafaela da Costa Cruz, que há mais de sete anos tem sido minha maior fortaleza e fonte de combustível para que eu continue lutando pelos meus sonhos. Sabemos bem dos percalços no nosso caminho, mas estar ao seu lado faz tudo valer a pena e me dá força para enfrentar qualquer coisa. Você é a minha maior motivação na vida.

Aos demais parentes: tios, primos, padinhos, irmãos e pai, por toda torcida e apoio, muito obrigado. Essa conquista não teria o mesmo sabor se eu não tivesse vocês comigo.

Aos amigos que permaneceram ao meu lado, mesmo após o início dessa fase de tanta correria e de tantas abdicações, por não terem deixado a “distância” nos afastar, por continuarem vibrando a cada conquista minha, por tornarem a vida adulta mais feliz e mais leve, por se tornarem minha 2º família e por sempre me mostrarem que, mesmo longe de casa, não estou sozinho: minha gratidão, respeito e amor eternos a vocês.

Minha gratidão à minha orientadora, Fabiana Cardoso de Siqueira, por ter aceitado seguir com minha orientação e por cada palavra de motivação. Me inspirarei em você e guardarei suas palavras comigo para sempre. Agradeço também à toda equipe que faz parte do PPJ/UFPB por toda ajuda e contribuição durante esse tempo. Sonhei em ser mestre por este programa durante toda a minha graduação e, ao lado de vocês, realizei este desejo. Obrigado por tanto.

*Dos respingos de irrigadores, até as cinzas da
lareira
Eu dei meu sangue, suor e lágrimas por isso [...]
Porque as páginas tinham sido viradas e
decisões foram tomadas
Tudo o que você perde é um passo que você dá
Então faça pulseiras da amizade, agarre o
momento e saboreie
Você não tem motivos para ter medo [...]
Sim, você pode encarar isso
Você está sozinha nessa, criança
Você sempre esteve
(Taylor Swift - You're On Your Own, Kid)¹*

¹ Música lançada em 2022 como uma das faixas do álbum *Midnights*. Disponível em:
<https://open.spotify.com/intl-pt/track/4D7BCuvgdJlYvlX5WIN54t?si=5f6ac84ff9b84c33>.

RESUMO

Pesquisas científicas e experiências práticas profissionais evidenciam uma reconfiguração das redações jornalísticas. Assim, tornou-se inevitável compreender outros aspectos sobre estas alterações, principalmente no que diz respeito às rotinas de produção em suas diversas funções. Partindo desta premissa, esta pesquisa tem como foco examinar as alterações ocorridas no exercício laboral do jornalista atuante no âmbito do telejornal JPB2, da TV Paraíba, afiliada à Rede Globo, em Campina Grande, na Paraíba. Sob a ótica do profissional flexitempo (Sennet, 2009) ou, também chamado de, jornalista flexitempo (Oliveira et al, 2021), a pesquisa também baseia-se em conceitos que evidenciam o capitalismo pós-industrial e a expansão da utilização do maquinário industrial para fazer notícia, como as tecnologias digitais. A partir da digitalização do setor, novos meios de produção abriram portas para o surgimento de novos perfis de trabalho jornalístico onde este profissional ganha notoriedade pelo acúmulo de funções cada vez mais flexíveis e em não-lugares (Augé, 1994). Através de uma metodologia qualitativa de entrevista semiestruturada (Duarte; Barros, 2015) foram ouvidos oito telejornalistas envolvidos no processo de produção do jornal e a partir da fala dos mesmos foi possível elucidar a rotina flexível de cada um. Além disso, as entrevistas também possibilitaram a compreensão de como as tecnologias digitais são parte crucial para a solidificação do trabalho flexitempo.

Palavras-chave: Telejornalismo; Produção Jornalística; Jornalista Flexitempo; Não-Lugares; TV Paraíba.

ABSTRACT

Scientific research and practical professional experiences highlight a reconfiguration of journalistic newsrooms. Thus, it has become inevitable to understand other aspects of these changes, especially regarding production routines in their various functions. Based on this premise, this research focuses on examining the changes that have occurred in the professional practice of journalists working on the JPB2 television news program, from TV Paraíba, an affiliate of Rede Globo, in Campina Grande, Paraíba. From the perspective of the *flexitempo* professional (Sennett, 2009), also referred to as the *flexitempo* journalist (Oliveira et al., 2021), the research is also based on concepts that highlight post-industrial capitalism and the expansion of the use of industrial machinery to produce news, such as digital technologies. With the digitization of the sector, new means of production have opened the door to the emergence of new journalistic work profiles, in which this professional gains prominence due to the accumulation of increasingly flexible functions and in non-places (Augé, 1994). Through a qualitative methodology using semi-structured interviews (Duarte; Barros, 2015), eight television journalists involved in the news production process were interviewed, and from their accounts, it was possible to elucidate each one's flexible routine. In addition, the interviews also enabled an understanding of how digital technologies are a crucial part of consolidating *flexitempo* work.

Keywords: Television Journalism; Journalistic Production; Flexitime Journalist; Non-Places; TV Paraíba.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 JORNALISMO E ANTROPOLOGIA CONTEMPORÂNEA.....	15
2.1 Os não-lugares e o jornalismo.....	15
2.2 Reflexões históricas sobre a reestruturação da atividade jornalística a partir da tecnologia.....	18
2.3 O telejornalismo e a internet: uma relação em convergência.....	25
2.4 O jornalismo e o paradigma da sua produção para telas.....	29
3 OS REFLEXOS DO CONTEXTO ECONÔMICO NAS ATIVIDADES DO JORNALISTA ATUANTE NA TELEVISÃO.....	33
3.1 Flexibilidade e convergência: as notícias sob uma nova rotinação produtiva.....	33
3.2 Titulações dadas ao profissional de jornalismo em um contexto pós-industrial.....	36
3.3 A produção em telejornalismo a partir dos critérios de noticiabilidade e dos valores-notícia.....	41
4 METODOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS: RELATOS EM ORALIDADE.....	46
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
6 REFERÊNCIAS.....	81
APÊNDICE A.....	87

1 INTRODUÇÃO

O universo do trabalho sofre alterações sempre que há implementações de novas tecnologias. A busca contínua por melhorias neste ambiente faz com que este esteja se atualizando a partir do que seja mais moderno em termos de produção (Antunes, 2020). Estas atualizações são sempre introduzidas com o objetivo de trazer melhorias e fazer com que os processos produtivos ganhem cada vez mais expansão, menos tempo para a finalização do produto, bem como a aprovação do público consumidor (Almeida, 2016). Entretanto, tais implementações trazem desafios e remodelações para a rotina laboral dos profissionais, principalmente no âmbito que define o início da inserção das mídias digitais na execução das demandas produtivas.

Desta maneira, e sob a ótica dos profissionais atuantes no telejornal JPB2, da TV Paraíba, esta pesquisa teve como objetivo compreender as rotinas destes jornalistas e analisar como seus modelos de trabalho podem evidenciar a atuação do jornalista flexitempo. Não obstante, também buscamos refletir sobre os reflexos que este método de trabalho traz para a qualidade do produto noticioso e como ele, dentro dessa realidade, pode ser produzido em não-lugares (Augé, 1994). Entre os diversos veículos de comunicação existentes no Estado, a TV Paraíba, afiliada à Rede Globo e integrante da Rede Paraíba de Comunicação, foi escolhida para a análise em razão de sua expressiva relevância regional.

O JPB2 da TV Paraíba, especificamente, é produzido em Campina Grande — cidade localizada no Brejo paraibano, com população estimada em 419.379 habitantes² — e transmitido de segunda a sábado, das 18h45 às 19h15. Em 2024, o telejornal conquistou o título de melhor audiência entre todas as emissoras afiliadas à Globo e consolidou-se como referência local em produção jornalística³. Além disso, na filial de Campina Grande, a Rede Paraíba de Comunicação exerce suas atividades no modelo de “redação integrada”, onde funcionam, dentro do mesmo local de trabalho, a produção jornalística simultânea e multiplataforma para diversos

² Campina Grande possui 419.379 habitantes, segundo o último censo demográfico do IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pb/campina-grande.html#>. Acesso em: 19 jun. 2025.

³ A TV Paraíba venceu na categoria Melhor Audiência Praça Caderno do Prêmio Globo 2024. A Rede Paraíba estava concorrendo com mais de 120 afiliadas da Rede Globo. Disponível em: [https://jornaldaparaiba.com.br/cotidiano/rede-paraiba-vence-premio-rede-globo-2024-em-duas-categorias#:~:text=A%20Rede%20Para%C3%ADba%20venceu%20o,quarta%2Dfeira%20\(4\).](https://jornaldaparaiba.com.br/cotidiano/rede-paraiba-vence-premio-rede-globo-2024-em-duas-categorias#:~:text=A%20Rede%20Para%C3%ADba%20venceu%20o,quarta%2Dfeira%20(4).) Acesso em: 19 jun. 2025.

veículos, como: o g1 Campina Grande⁴, ge (Globo Esporte)⁵, Jornal da Paraíba⁶, a rádio CBN⁷ e a TV Paraíba.

Para fazer este estudo, foram buscados conceitos que trazem luz às mudanças ocorridas nas rotinas produtivas dentro da espacialidade dos trabalhadores atuantes em telejornalismo a partir do início e desenvolvimento da era pós-industrial que abre portas para o conceito de jornalismo pós-industrial. Tal levantamento vai de encontro a um novo perfil de atuação no jornalismo que tem ficado cada vez mais comum, que é o jornalista flexitempo (Oliveira et al, 2021), baseado no conceito do sociólogo Richard Sennett (2009) sobre “profissional flexitempo”.

O jornalista que atua nesta condição é um trabalhador com flexibilidade no seu horário de trabalho, com acúmulo de funções e realização das atividades profissionais em lugares fora da redação. Como caracteriza Augé (1994), tal modelo de execução funcional, para além do espaço de trabalho, vai de encontro com o que ele conceitua como “não-lugares” (Augé, 1994, p. 167). Assim, através de diversas concepções, é buscado entender como a execução do jornalismo está em uma posição de constante reestruturação nas suas dinâmicas que, antes preocupavam-se somente com a produção noticiosa, mas que vem passando pelos desmembramentos da profissão que acompanha a lógica capitalista.

Para tanto é necessário discernir o início que propiciou estas transformações, como marco, por exemplo, há a chegada da internet e o uso do computador nas redações. Segundo Silva (2015), o pico destas transformações se tornou mais intenso ao final do século XX, período em que as mídias digitais instalaram-se de maneira mais assertiva nos ambientes de trabalho jornalísticos. A partir disso, o profissional de jornalismo foi levado a lidar com reconfigurações nas suas rotinas de produção visto que, agora, com o uso da internet, se tornou cada vez mais rápida a forma como as notícias se espalham. Desta maneira, dia após dia, o profissional de jornalismo, aqui com foco nos telejornalistas do JPB2, têm trabalhado em meio a uma “corrida” pela busca de novos acontecimentos que sejam relevantes o suficiente (dependendo do critério de noticiabilidade aplicado) para se tornar notícia (Wolf, 1994).

⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/cidade/campina-grande/>. Acesso em: 24 jun. 2025.

⁵ Disponível em: <https://ge.globo.com/pb/>. Acesso em: 24 jun. 2025.

⁶ Disponível em: <https://jornaldaparaiba.com.br/?d=1>. Acesso em: 24 jun. 2025.

⁷ Disponível em: <https://cbnparaiba.com.br/campina-grande/>. Acesso em: 24 jun. 2025.

À vista deste cenário é possível compreender que a comunicação jornalística não está somente atrelada ao dinamismo das ocorrências que formam a notícia, mas também às dinâmicas da profissão. Toda esta conjuntura tendencia o jornalista a um trabalho que lide com o maquinário digital para produzir notícia de maneira cada vez mais célere (Anderson, 2013) e que vive constantemente em uma “caça” por novos acontecimentos. A partir disso, é possível inferir o quanto imperioso é que a atividade jornalística seja muito bem estruturada para poder funcionar. Entretanto, neste sistema, nem sempre a rotina estipulada para cada jornalista atuante em TV é igual. O que observa-se no exercício atual do telejornalismo são profissionais cada vez mais presos e tão entrelaçados ao exercício profissional que muitos acabam trabalhando além do horário que deveriam trabalhar, ou trabalham fora da redação e fora do horário contratual.

Veremos adiante que este exercício flexível é favorecido pela rápida e prática maneira de trabalhar possibilitada com o uso de tecnologias digitais, como, por exemplo, o *smartphone*. Com este equipamento torna-se possível exercer a função de profissional, bem como se informar muito rapidamente a respeito dos acontecimentos. Além disso, como a corrida em busca de ocorrências que possuem grande viés de notícia é alta, o que observamos, a partir desta sentença, são jornalistas que vivem em prol do trabalho. Não importa lugar, hora ou se por acaso o trabalhador está ou não dentro da redação. O que realmente importa é o ocorrido e o quanto chocante, emocionante ou diferenciado ele é para virar notícia (Wolf, 1994). Assim, aliando-nos aos conceitos de Sennett (2009) sobre o profissional flexitempo, temos em evidência o telejornalista com a rotina de trabalho flexibilizada, ou seja, o jornalista flexitempo.

Após tais levantamentos, a problemática desta discussão está focada nos resultados que a flexibilização traz para o horário de trabalho dos profissionais que, juntos, produzem o telejornal. Assim, questiona-se as maneiras que essa flexibilização está transformando as rotinas jornalísticas e como esta emergência abre portas para um produção em não-lugares. A identificação das respostas destas e outras problemáticas que envolvem o exercício laboral dos jornalistas flexitempo buscarão ser respondidas ao longo desta pesquisa. O fato do tema escolhido ter foco na atuação dos profissionais de telejornalismo, principalmente sob a perspectiva do profissional flexitempo, mostra uma vulnerabilidade nos campos acadêmico e profissional do jornalismo. Não obstante, tal tema revela-se, ao longo

da pesquisa, de grande relevância para o conhecimento de qualquer jornalista que atue na área de TV ou não, por tratar a respeito de questões laborais, bem como a forma como esses fatores podem transformar o exercício destes profissionais.

Desta maneira, o objetivo geral desta pesquisa visa compreender as características da atuação do jornalista flexitempo e seus desafios no telejornal, tendo como referência o JPB2, exibido pela TV Paraíba, afiliada da Rede Globo, no horário da noite. Além disso, também é possível alertar futuras gerações sobre o conceito deste tipo de jornalista e como estas reflexões abrem brechas para mais pesquisas em torno da temática de novos perfis profissionais dentro do jornalismo.

Para chegar a tal objetivo, já no Capítulo 2 desta dissertação, inicialmente com foco nos conceitos de Augé (1994), são trazidas explicações que dão luz ao lugar em que antropologicamente o jornalismo está através das discussões acerca de “lugar antropológico” e “não-lugar” (Augé, 1994, p. 158). Após encontrar em qual lugar o jornalismo está, sob ótica de autores como Sodré (1983); Vizeu (2002); Castells (2003); Anderson (2013); Antunes (2020); entre outros, são trazidas algumas reflexões históricas que buscam embasar como a atividade jornalística é um setor de constante mudança e adaptação. Em seguida, é dado foco ao jornalismo em televisão e como ocorre a convergência entre este âmbito produtivo para TV e a internet (Jenkins, 2015). A partir deste fenômeno, a seção seguinte deste capítulo trata sobre questões voltadas ao jornalismo de telas ou para telas, onde são trazidas reflexões de Emerim (2017); Medeiros (2017) e outros.

O Capítulo 3 segue o mesmo fio de conceituações sobre dilemas no telejornalismo. Logo no início, o foco se volta para as rotinas produtivas nestes espaços e o quanto flexíveis elas estão por conta do processo de convergência enfrentado pelos conglomerados jornalísticos. Sob a perspectiva de García Avilés e Carvajal (2008); Kischinhevsky (2009); Deuze (2004); Lôrdelo (2015); Salaverría (2008); e outros, nesta seção são abordados pensamentos que enfatizam a hipótese de remodelação dos produtos jornalísticos para serem transmitidos em mais de uma mídia, como TV, rádio e internet. Como consequência deste processo, a seção seguinte traz à tona perfis emergentes à tal realidade, como jornalista convergente (Jenkins, 2015); jornalista polivalente (Salaverría; Negredo, 2008); jornalista multiplataforma (Canavilhas, 2013); jornalista multitarefa (Prado, 2011) e jornalista flexitempo (Sennett, 2009; Oliveira et al, 2021). Além disso, ao final do

capítulo, são abordados conceitos que dão luz a utilização dos critérios de noticiabilidade a partir de Wolf (1994), Curado (2002), Shoemaker (2010), Vizeu (2005) e Traquina (2005).

Por meio de uma metodologia qualitativa de entrevista semiestruturada (Duarte; Barros, 2015) para coleta de dados a partir do método da história oral, o Capítulo 4 é sustentado por uma hipótese que questiona como o profissional de jornalismo se mantém como uma máquina de produção entrelaçando o trabalho com a vida pessoal para além dos muros da redação. Partindo deste ponto central, é buscado inferir as rotinas laborais a partir de entrevistas com oito telejornalistas do JPB2, sob a perspectiva do conceito flexitempo. Neste sentido, busca-se compreender quais são os fatores que favorecem essa flexibilização e apresentar, a partir da coleta de dados, os desafios da adoção deste método de atuação na execução da atividade jornalística. Para isto, o capítulo traz, como embasamento, as visões de Karam (2014); Alberti (1990) e Duarte e Barros (2015) e faz uma interligação com os relatos dos profissionais entrevistados. E por fim, são apresentadas as considerações finais do trabalho.

Entender os lugares que o jornalismo ocupa é também compreender as transformações que ele sofre e os impactos que estas mudanças trazem para a prática profissional. É com base nessa perspectiva que o próximo capítulo apresenta um percurso teórico sobre os conceitos de “lugar antropológico” e “não-lugar”, conforme proposto por Marc Augé (1994), como ponto de partida para refletir sobre o espaço ocupado pela prática jornalística no contexto atual. A partir destas reflexões iniciais é possível delinear os fundamentos que sustentam a noção de um jornalismo em constante deslocamento, tanto físico quanto simbólico, abrindo caminho para a compreensão das transformações vividas pelos telejornalistas do JPB2 da TV Paraíba.

2 JORNALISMO E ANTROPOLOGIA CONTEMPORÂNEA

Antes de discorrer acerca dos dilemas existentes nas rotinas dos produtores telejornalísticos é necessário abordar as questões que levaram tal função ao atual modelo sistemático de produção. Para tanto, neste capítulo, será demonstrado alguns dos lugares sociológicos em que o jornalismo se encontra.

2.1 Os não-lugares e o jornalismo

O processo de globalização é responsável pelas transformações cotidianas na história da sociedade, além de possuir ligação direta com a forma como os indivíduos se relacionam com o tempo, o espaço e outras ambiências (Castells, 2002). É partindo desta premissa que surgem os conceitos de “lugar antropológico” e “não-lugar”, do sociólogo Marc Augé (1994). Através destas concepções é possível discernir as mudanças ocorridas em uma sociedade que cada vez mais evidencia a transição de um espaço antigo (físico), para a crise de um novo espaço advindo das adaptações sociais frente às atualizações digitais.

Assim, segundo o autor, no período de industrialização ou globalização, o não-lugar e o lugar antropológico possuem uma relação de análise a partir da alteridade. Para ele, “a tradição antropológica ligou a questão da alteridade (ou da identidade) à do espaço, é porque os processos de simbolização colocados em prática pelos grupos sociais deviam compreender e controlar o espaço para se compreenderem e se organizarem a si mesmos” (Augé, 1994, p. 158).

Partindo dessa ideia, o termo não-lugar, cunhado pelo referido sociólogo em 1994, visa descrever sua visão sobre mudanças na sociedade desde o início da chamada “supermodernidade”, marcada por mudanças rápidas e profundas, como revoluções políticas e processos de industrialização. Por isso, sua explicação está presente em todos os seus trabalhos escritos após aquele ano. O conceito refere-se à ideia de rapidez ou instantaneidade do tempo, permitindo entender a diferença entre as interações que ocorrem nos não-lugares, — caracterizadas como interações solitárias —, e as conexões que acontecem nos lugares antropológicos, — descritas como interações sociais.

Trazendo estas ideias para o jornalismo vigente, os não-lugares podem ser identificados, por exemplo, nas redações descentralizadas e nos espaços

improvisados de apuração durante coberturas remotas. Estas espacialidades, muitas vezes transitórias e marcadas pela impessoalidade, tornam-se parte da rotina do jornalista flexitempo que, ao vivenciar deslocamentos constantes e produzir conteúdo em trânsito, reforça a ideia de interação solitária e desconectada do vínculo territorial ou físico. Ao contrário dos lugares antropológicos — como as antigas redações tradicionais, marcadas pela permanência, convivência e construção simbólica coletiva —, os não-lugares representam a efemeridade do trabalho jornalístico atual, o que afeta a própria forma de sociabilidade entre os profissionais. Neste sentido, o conceito de Augé (1994) ajuda a compreender como as transformações estruturais e tecnológicas da profissão impactam não apenas o fazer jornalístico, mas também o modo como os jornalistas se relacionam com os espaços, com os colegas e com o próprio ofício.

Ainda para o autor, a substituição de um espaço pelo outro se dá em razão da virtualização cada vez mais eminente e que evidencia a aceleração do tempo, tendo como resultado a sobrecarga. Segundo ele, em sua obra *A Guerra dos Sonhos*, “todos nós temos a impressão de estarmos sendo colonizados, mas sem que saibamos ao certo por quem” (Augé, 1998, p. 7). Não obstante, através de suas obras, conclui-se que, na tentativa de trazer designação aos espaços construídos, o foco dos não-lugares é “fazer cada vez mais coisas em menos tempo” (Augé, 1994, p. 54).

A concepção do termo supracitado traz à reflexão que a história da sociedade, em todos os seus âmbitos, se deu através de renovações que levam à adaptação. Entretanto, já nos anos 90 — diante da introdução cada vez mais assertiva das tecnologias digitais nas esferas sociais —, o pesquisador fazia ressalvas sobre como a instantânea inserção destas adaptações trazem reflexos significativos às relações dos indivíduos com eles mesmos e com o mundo. Para Augé (1994), exemplificando a era do que ele chamou de “supermodernidade”, a concepção de não-lugar é tendenciosa para que os indivíduos se vejam cada vez menos fisicamente, uma vez que o percurso destas alterações transbordam o percurso da vida. Neste cenário conceitual e sociológico, Teresa Sá (2008) revela que:

Se o lugar antropológico representa um tempo passado e o não-lugar um provável futuro, pensar a relação entre os dois é de certo modo pensar uma realidade que se joga entre o que fomos/somos e aquilo em que poderemos

nos tornar, ou melhor, aquilo em que estamos nos tornando. (Sá, 2008, p. 3)

Além disso, embasado em tal hipótese, Augé (1994) define que a constituição dos não-lugares também põe o indivíduo em uma posição solitária uma vez que este fenômeno é tendencioso para um desempenho de atividades que são “distanciadas” da sociedade. Trazendo a hipótese para a esfera trabalhista, mais precisamente a jornalística, nota-se o desempenho das atividades laborais sendo concluídas à distância por meio de equipamentos digitais, como, por exemplo, os profissionais do JPB2 que, na busca da produção noticiosa, se entrelaçam entre os lugares conceituados por Augé (1994) e rotineiramente resolvem suas demandas de lugares socialmente distantes e isolados, como é detalhado mais à frente neste estudo.

O sociólogo citado supracitado define que a supermodernidade é marcada por uma atualização advinda de uma quantidade significativa de experiências virtuais e individuais de imagens, bem como relações socialmente distantes e solitárias. Não obstante, também é possível discernir que, através de um espaço único e digital, são popularizados o fluxo de indivíduos e imagens que resumem a sociedade e suas relações a um espetáculo codificado onde ninguém fisicamente faz parte.

Em meio a este fenômeno, as relações com o “outro” são postas de lado e a relação consigo é destacada por não haver tempo de se relacionar com o outro fisicamente, já que a comunicação digital é muito mais instantânea: “o não-lugar é o espaço dos outros sem a presença dos outros, o espaço constituído em espetáculo” (Augé, 1994, p. 167). No decorrer desta adaptação, os seres humanos acabam desenvolvendo o senso de um tempo sempre encurtado onde cada pessoa busca não perder os acontecimentos a sua volta por meio dos espaços digitais. Assim, as zonas que são responsáveis por encaminhar as pessoas para outras realidades, como propagandas em painéis eletrônicos, *smartphones* ou outras telas de cristal líquido, se enquadram numa realidade em que os lugares antropológicos, ou físicos, se tornam chances de interação por meio dos não-lugares, ou, neste caso, lugares virtuais.

Para Choay (2011) é através do tempo que se dá o ordenamento da sociedade a partir das adaptações. No tempo atual, a autora faz uma ligação referindo-se ao conceito de ciberespaço (Gibson, 1984) e ao conceito de não-lugar

(Augé, 1994) para afirmar que o mundo vive um período de um “novo espaço” ou um “espaço de conexão”:

Este espaço que vivemos é um espaço cada vez mais abstrato e midiatizado, constituído por um conjunto de redes necessárias à circulação das pessoas, ideias e mercadorias, através de automóveis e de aviões, comboios de ondas elétricas e eletromagnéticas, de satélites artificiais. (Choay, 2011, p. 58)

O avanço contínuo do espaço virtual tem levado o cidadão contemporâneo a perceber a tecnologia como um meio eficaz para resolver os desafios do cotidiano. Quando essa percepção é transportada para o campo jornalístico, observa-se uma correlação direta em que o desenvolvimento da atividade jornalística está intrinsecamente ligado à inserção das tecnologias digitais nas rotinas produtivas. Neste contexto, Marc Augé (1994) aponta que os não-lugares são frutos diretos da constante atualização das estruturas sociais, especialmente aquelas impulsionadas por redes de comunicação — sejam a cabo ou sem fio — que reorganizam a vivência espacial e simbólica do sujeito. Como é afirmado pelo autor, estas redes “mobilizam o espaço extraterrestre para uma comunicação tão estranha que põe o indivíduo a uma outra imagem de si mesmo” (Augé, 1994, p. 74). A seguir, aprofundaremos as reflexões sobre como a digitalização tem transformado o ambiente de trabalho jornalístico, deslocando sua atuação para além das redações físicas e, muitas vezes, para os chamados não-lugares.

2.2 Reflexões históricas sobre a reestruturação da atividade jornalística a partir da tecnologia

Assim como todas as profissões, o jornalismo passou por muitas mudanças e adaptações para chegar aos modelos produtivos conhecidos na era contemporânea. Atendo-nos ao momento atual, compreendemos que esta profissão, segundo Salaverría (2019), vive a chamada era do “Jornalismo Digital” que, em 2025, no Brasil, completa 30 anos⁸.

⁸ “A análise da implantação da Internet no país aponta dois períodos de intervenções estatais e privadas. O primeiro período compreende os anos de 1988 e 1995 e é marcado pela ação dos agentes do Estado (ministérios, RNP e Embratel), na montagem da infra-estrutura necessária para responder aos interesses da comunidade acadêmica. O segundo teve início em 1995 e coincide com a privatização do sistema de telecomunicações. Neste período ocorre a alavancagem do provimento de acesso e de conteúdo à rede.” Disponível em: https://d1wqxts1xze7.cloudfront.net/31062004/5be0d57f5fde664d948d9c2cbc80b619-libre.pdf?1392121352=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DA_politica_de_implantaca. Acesso em: 19 jun. 2025.

Nos anos 1990, os cursos de jornalismo utilizaram vários termos para classificar o fenômeno tecnológico e digital que estava, inicialmente, ganhando força na profissão. Entre as nomeações, falava-se sobre “Contexto Convergente”, “Jornalismo Digital” e/ou “Webjornalismo”. Do início destas transformações até os dias de hoje, alguns estudos relatam a presença de crises vividas pelo jornalismo após as contínuas implementações digitais realizadas. Entretanto, Zelizer (2019) destaca três razões que explicam o porquê da tecnologia não se tornar ou representar o jornalismo. São elas: “[...] obscurece o fato de que a tecnologia está sempre a mudar gradualmente o jornalismo; cega-nos para os efeitos prejudiciais da mudança tecnológica; e promove o esquecimento daquilo que permanece estável no jornalismo” (Zelizer, 2019, p. 344).

Nesta esfera temporal muitas hipóteses, estudos e titulações que melhor definiriam este momento foram descartados, já outros, – como cultura da convergência e convergência midiática (Jenkins, 2015), convergência jornalística (Salaverría, 2019) – permaneceram contínuos, foram atualizados, encorpados e se mantêm como fortes embasadores nos debates acerca das modificações do universo jornalístico. Além disso, neste contexto também é possível encontrar abordagens conceituais mais centradas no que diz respeito ao ciberjornalismo e/ou jornalismo on-line que são uma “especialidade do jornalismo que emprega o ciberespaço para investigar, produzir e, sobretudo, difundir conteúdos jornalísticos” (Salaverría, 2019, p. 34).

Para autores como Bastos (2012) é crucial entender que o “ciber” é um termo efêmero, assim como aconteceu com os termos “web”, “digital” e “on-line”. Ainda segundo o autor, a convergência das mídias seguirá conduzindo a hibridização de novas práticas, formatos e conceitos que poderão tornar o “ciber” desatualizado. Contudo, o que, de fato, se mantém é o conceito de jornalismo. Quando este se une a prefixos como “ciber”, o intuito é classificar a prática jornalística na internet ou que é difundida via internet.

Todavia, para exemplificar tal realidade em que está inserido o jornalismo é necessário, antes de tudo, refletir sobre os fatores que o remodelaram para chegar onde está. Para alguns estudiosos da área da comunicação, as condições técnicas são o fator primordial que define a reestruturação da imprensa, como afirma Sodré (1983, p. 1) ao dizer que “a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista”. Já Vizeu (2002), um dos estudiosos que

é referência em pesquisas sobre telejornalismo no Brasil, discorre que há uma estreita relação entre o desenvolvimento do jornalismo e a evolução do capitalismo por meio do progresso técnico da imprensa. Para ele,

O jornalismo, como conhecemos hoje no mundo ocidental, tem suas origens intimamente ligadas ao desenvolvimento do capitalismo. Na segunda metade do século XV, as técnicas de impressão se espalharam rapidamente e as imprensas foram estabelecidas nos principais centros comerciais europeus. (Vizeu, 2002, p. 39)

A evolução técnica citada pelos autores só foi adquirida pelo meio jornalístico por meio da Revolução Industrial, que gerou alterações econômicas e sociais na Europa do século XVIII e XIX, com o avanço do maquinário a vapor, que iniciou a substituição do modelo feudal para o capitalismo. Com o início desta atualização, outras reestruturações produtivas foram implementadas que permitiram o desenvolvimento de mais inserções tecnológicas. “O desenvolvimento tecnológico cria e recria, em cada fase histórica, os recursos de produção, de distribuição e de consumo” (Almeida, 2016, p. 236). Dessa maneira, com o objetivo de suprir as necessidades sociais em cada época, surgem mais e mais padrões de consumo e de distribuição.

Dentro desta realidade encontram-se alguns modelos de produção, entre eles o Taylorismo, o Fordismo e o Toyotismo, que foram replicados para as esferas trabalhistas do mundo todo. O primeiro modelo foi difundido no final do século XIX e tinha como ideia principal a racionalização do trabalho, já que Frederick Taylor tinha percebido que alguns trabalhadores perdiam tempo durante a produção por não dominarem todos os conhecimentos necessários. Assim, o modelo taylorista era focado na utilização máxima do trabalhador com apenas uma função exercida a partir das suas aptidões, onde este era supervisionado a fim de evitar ociosidades e garantir o máximo de aproveitamento durante o processo produtivo. Segundo Ribeiro (2015), Taylor incentivou a criação de supervisões que realizassem experimentações de regras, maneiras e padrões para executar o trabalho. “Essas regras seriam obtidas pela melhor equação possível entre tempo e movimento” (Ribeiro, 2015, p. 66).

No século XX, as redações promoveram divisão de tarefas e a produção jornalística passou a ser organizada de forma mais segmentada e funcional. Assim, os profissionais passaram a ser responsáveis apenas por reportar, editar, diagramar

ou revisar, numa lógica de produção padronizada que espelhava os princípios tayloristas (Lage; Menezes, 2000). Tal estrutura buscava a máxima eficiência, com supervisores — como os editores-chefes — exercendo papel semelhante ao dos gestores industriais, garantindo o cumprimento de prazos rígidos e a aplicação de padrões estabelecidos para o conteúdo jornalístico. Essa racionalização do fazer jornalístico visava a produtividade em larga escala, especialmente em grandes jornais diários onde o tempo era elemento central do processo produtivo e a repetição de tarefas era comum.

O Fordismo, instaurado em 1914, por Henry Ford, trata-se de um paradigma que prioriza a produção em larga escala e que determina um modelo de manufaturação industrial a ser adotado. Para Wood Júnior (1992), com as modernizações destacadas pelo modelo fordista vieram também a diminuição do trabalho humano no processo de produção, o que, ao mesmo tempo, destacou a redução dos custos de produção e elevação da produtividade. “O Fordismo tinha como seu fundamento o controle do processo de trabalho, e representou a continuidade e intensificação do processo de controle da força de trabalho viva que já havia iniciado com o Taylorismo” (Ribeiro, 2015, p. 68). Aliado a este cenário, outros paradigmas de produção foram inseridos na esfera operacional, como o Pós-Fordismo. Para Silva Filho (2005), o modelo se difere do Fordismo na disposição do trabalho já que, nele, o processo produtivo é flexível.

No jornalismo, os efeitos do fordismo puderam ser percebidos com mais força a partir da consolidação da imprensa como indústria cultural. Assim como na linha de montagem da indústria automobilística, as redações passaram a operar como verdadeiras engrenagens de um sistema produtivo que demandava previsibilidade, controle e eficiência. O jornalista, neste contexto, ocupava uma função especializada dentro de uma cadeia produtiva mais ampla, com pouca margem para interferências autorais. Segundo Pena (2005), toda a produção era orientada por critérios de quantidade, rapidez e economicidade, o que favorecia a padronização dos formatos e a repetição de gêneros noticiosos. Dessa maneira, o fordismo influenciou fortemente o modo de operação das redações tradicionais até as transformações trazidas pelas revoluções tecnológicas e informacionais do final do século XX.

Já o Toyotismo surgiu no Japão, no final da década de 1970. Neste modelo há dominação da filosofia *just-in-time* que está ligada à demanda dos consumidores,

ou seja, a eficácia da produção se dá através da solicitação do atendimento, o que evita a formação de estoques de matérias-primas e reduz o máximo possível de desperdícios. Para esta realização, tecnologias industriais ou digitais são massivamente utilizadas, bem como o emprego da mão de obra multitarefa.

Segundo Druck (1999), as características mais marcantes do Toyotismo são: 1) Sistema de emprego constituído de: a) emprego vitalício, apesar de não existir nenhum contrato formal, b) promoção por tempo de serviço, c) a admissão do trabalhador não é realizada para um posto de trabalho, mas para a empresa, num determinado cargo, ao qual corresponde um salário; 2) *Just-in-time*, produzir no tempo certo, na quantidade exata; 3) Os sindicatos por empresa são integrados à política de gestão do trabalho; 4) Relações muito hierarquizadas entre as grandes empresas e as pequenas e médias.

No Taylorismo, o controle do tempo é nitidamente uma preocupação da proposta taylorista de gerência científica. Essa preocupação vai perpassar todos os outros modos de produção. No Fordismo, a esteira rolante é uma estratégia de controle do ritmo de trabalho e apesar de gerar muitos tempos mortos, ainda assim se configura como um controle sobre o tempo de trabalho. No Toyotismo, a necessidade de controle sobre o tempo evidencia-se com a prática, por exemplo, do *just-in-time* e com toda uma dinâmica de organização do trabalho voltada para uma produção ininterrupta. Essa relação com o tempo, premeditada desde o Taylorismo, se manifesta fortemente nos dias de hoje. (Ribeiro, 2015, p. 77)

No campo jornalístico, os princípios do toyotismo começaram a se manifestar a partir da adoção de tecnologias digitais e da crescente flexibilização das rotinas produtivas. A lógica *just-in-time* aparece nas redações com a exigência de produção contínua, instantânea e sob demanda, especialmente em ambientes digitais em que o tempo de publicação e a resposta ao público se tornam critérios centrais. Como observa Prado (2011), o jornalista contemporâneo precisa lidar com múltiplas tarefas, refletindo a figura do trabalhador multitarefa como característica do toyotismo. Além disso, nesta lógica, a noção de estabilidade do emprego dá lugar a vínculos cada vez mais precarizados, com contratos flexíveis e multifuncionalidade exigida dos profissionais, o que impactou a reestruturação produtiva nas redações.

O panorama exposto interferiu diretamente nos processos produtivos do jornalismo e fez com que estes se adaptassem às novas tecnologias de consumo, assim como aos novos processos de produção e distribuição da notícia. A atividade do profissional de jornalismo se adequou e se adequa conforme ocorre a

modernização no setor. Trazendo para o dias atuais, da era do jornalismo digital, a notícia “se torna cada vez mais rápida junto ao público, proporcionando, ao consumidor da informação, a capacidade de se posicionar sobre os fatos globais a partir de qualquer lugar do mundo” (Almeida, 2016, p. 263). Essa nova dinâmica é conectada diretamente com a tecnologia digital que também evidencia o desenvolvimento célere do produto noticioso. Para Castells (2003), é a partir de tal realidade que resultam as atualizações capitalistas: “qualquer processo de transição histórica, uma das expressões de mudanças sistêmicas mais direta é a transformação da estrutura ocupacional, ou seja, das categorias profissionais e do emprego” (Castells, 2003, p. 266).

A partir de tais considerações e após a implementação de tantos modelos produtivos, bem como a imersão profissional em várias eras, é possível chegar à conceituação de jornalismo pós-industrial, marcando o período de adentramento das tecnologias digitais nos ambientes de trabalho jornalístico. Pesquisadores como Anderson (2013) definem o conceito como:

O jornalismo pós-industrial parte do princípio de que instituições atuais irão perder receita e participação de mercado e que, se quiserem manter ou mesmo aumentar sua relevância, terão de explorar novos métodos de trabalho e processos viabilizados pelas mídias digitais. Nessa reestruturação, todo aspecto organizacional da produção de notícias deverá ser repensado. Será preciso ter mais abertura a parcerias, um maior aproveitamento de dados de caráter público; um maior recurso a indivíduos, multidões e máquinas para a produção de informação em estado bruto; e até um uso maior de máquinas para produzir parte do produto final. (Anderson, 2013, p. 38)

Nesta conjuntura torna-se indispensável citar que há uma reconfiguração na propagação da notícia, na interpretação dos fatos e nas novas possibilidades de apuração a partir da adaptação da atividade jornalística frente a esta realidade conceitual. Desta maneira, o jornalismo pós-industrial consolida-se como, inclusive, o início de um jornalismo executado por meio das tecnologias digitais, como internet das coisas, inteligência artificial, *big data*, e muitos outros que são tendenciosos no distanciamento cada vez mais frequente de uma atividade manual para uma atividade submissa ao digital. Antunes (2020) reforça que tais circunstâncias geram o destaque do que chama de trabalho morto, visto que todo o maquinário digital conduz, além de predominar, a produção e que, consequentemente, invisibiliza o trabalho vivo.

Tal cenário se acentuará com a expansão da chamada indústria 4.0 [...] Concebida para gerar um novo e profundo salto tecnológico no mundo produtivo (em sentido amplo), estruturado a partir das novas tecnologias da informação e comunicação (TIC), que se desenvolvem de modo célere. Sua expansão significará a ampliação dos processos produtivos ainda mais automatizados e robotizados em toda a cadeia de valor, de modo que a logística empresarial será toda controlada digitalmente. (Antunes, 2020, p. 11)

Entretanto, ainda que ocorra a hegemonia tecnológica, o estudioso crê que a base para a contínua ampliação desta realidade é a perpetuação do trabalho desenvolvido por humanos e, neste caso, jornalistas. Essa hipótese se dá em fundamentação de que o trabalho manual é insubstituível, bem como “sem alguma forma de trabalho humano, o capital não se reproduz, visto que as máquinas não criam valor, mas o potencializam” (Antunes, 2020, p. 14). Por conta da submissão à modernização digital no processo produtivo e o carecimento de jornalistas que dominem as habilidades de lidar com tal realidade, neste sentido, o trabalho jornalístico vai de encontro ao exposto, visto que:

O problema é que o jornalismo localiza-se estranhamente entre o trabalho industrial e a arte. Em outras palavras, devido aos *deadlines* de produção e outras noções do que o jornalismo deveria ser, algumas pessoas encaram como algo que o computador devesse fazer. E a velocidade da internet só tornou as coisas ainda piores [...] Cabe a nós, que atuamos como jornalistas ou que ensinamos jornalistas a manter o aspecto humano do jornalismo em mente. (Costa, 2014, p. 10)

Por conta deste cenário, Anderson (2013) crê que o jornalismo responsável é indubitavelmente necessário para sociedade, visto que, na era digital, as informações são veiculadas muito instantaneamente. Em meio a este processo, nota-se que as rotinas produtivas em jornalismo são fortemente influenciadas e, por isso, também afetam o profissional jornalista que é obrigado a desenvolver e acumular mais de uma função, que antes eram bem separadas, mas por conta da predominância digital que resume cada vez mais as redações, agora, limitam-se cada vez mais funções a cada vez menos profissionais. Para Costa (2014), no ambiente das redações jornalísticas, “a lista daquilo que um jornalista pode fazer cresce diariamente, uma vez que a plasticidade de tecnologias de comunicação muda tanto recursos de apuração de fatos como a conduta do público” (Costa, 2014, p. 42).

Em meio a todas estas e outras mudanças, a atividade jornalística permanece

sendo um dos pilares da democracia por prezar pelo encaminhamento de informações claras de interesse público, denúncias e traduções de casos para que a compreensão chegue a todos os grupos. Dessa maneira, serão apresentados, adiante, algumas conceituações que definem o trabalho e o profissional no contexto jornalístico atual, priorizando sua relação direta com as tecnologias digitais e como estas são cada vez mais responsáveis pelas modificações e reestruturações nas suas relações de trabalho.

2.3 O telejornalismo e a internet: uma relação em convergência

A inauguração da primeira televisão brasileira aconteceu em 1950, com a TV Tupi de São Paulo. Abreu (2002) explica que, naquela época, o telejornalismo nacional era adaptado segundo o modelo de televisão dos EUA “que privilegia a informação e a notícia, e que separa o comentário pessoal da transmissão objetiva e impessoal da informação” (Abreu, 2002, p. 12).

Entre 1956 e 1960, durante o ciclo do governo Kubitschek, a imprensa brasileira alcançou expansão e solidificação no cenário nacional em decorrência do forte momento de industrialização vivido no país. O marco histórico propiciou um investimento maior na mídia televisiva por meio da contratação dos espaços para as transmissões de publicidades. Entretanto, mesmo com a compra dos intervalos, a TV continuou separando as programações noticiosas daquelas com o teor mais publicitário e impessoal, permanecendo assim até os dias atuais.

Segundo Wolton (2012), a televisão já passou por algumas fases e, entre tantas, três delas se destacam: a) o arquétipo novo que despertou o desejo de consumo de todas as famílias; b) o veículo de comunicação de grande credibilidade jornalística e, naturalmente, de impactante influência social; c) a mídia que atualmente passa por uma reconfiguração e que sofre as consequências desta realidade. Para Silva (2018), “o jornalismo televisivo tem sido desafiado a rever suas rotinas produtivas e adaptar seus conteúdos às múltiplas telas e múltiplos públicos. A televisão e a tecnologia caminham juntas quando se trata de formato e conteúdo” (Silva, 2018, p. 19). Apesar disto, o veículo televisivo ainda é tido como destaque entre os demais já que “a televisão fascina, pois ela ajuda milhões de indivíduos a viver, se distrair e compreender o mundo” (Wolton, 2012, p. 59).

Uma pesquisa realizada pelo IBGE⁹, no final de 2023, revelou que a televisão está presente em 94,9% dos domicílios brasileiros. Já em março de 2024, o Sistema Brasileiro de Telefonia¹⁰ trouxe ao público a informação de que metade dos brasileiros consomem algum tipo de conteúdo por meio da TV conectada que dá acesso às plataformas de *streaming*¹¹. A pesquisa também indica que 70% dos entrevistados afirmaram prestar total atenção ao que estão assistindo, enquanto 26% dividem a atenção à programação com o acesso simultâneo na internet através de uma tela secundária (na seção seguinte será ainda mais detalhado sobre a relação entre o jornalismo e a sua produção para telas). Pesquisas como estas comprovam que existe uma exponencial predominância do acesso à internet e da presença dos aparelhos televisivos nas residências brasileiras. A relação presente neste cenário indica que:

As conexões de banda larga dissolvem as fronteiras entre a televisão e a internet e facilitam o acesso a conteúdos em vídeo na rede. O desenvolvimento acelerado de tecnologias digitais faz convergir linguagens audiovisuais com menos diferenças estéticas, modifica os modos de captação, edição e exibição e potencializa a exploração de narrativas transmídiáticas. (Becker, 2018, p. 152)

O entrelaçamento das esferas da TV e da internet vão diretamente ao encontro do conceito de “convergência midiática” levantado por Henry Jenkins (2015). Tal definição transmite uma ideia de união ou incorporação de mídias, a exemplo da TV e da internet aqui demonstrado. Já em 2006, – ano da primeira publicação da sua obra *Cultura da Convergência* –, o autor destaca que a participação do público como um forte propulsor da propagação da mídia convergente ou transmídiatica, uma vez que a intensidade deste consumo reflete na constante busca por adaptação que o jornalismo enfrenta, onde o valor de venda é sempre empregado à notícia como critica Medina (1988) em *Notícia: um Produto à Venda*.

Assim, o fenômeno da convergência funciona em um modelo de verticalização, onde o consumo é evidenciado de uma maneira que fique de baixo

⁹ “Televisão está presente em 71,4 milhões de lares brasileiros, diz IBGE”. Disponível em <https://noticias.r7.com/economia/televisao-esta-presente-em-714-milhoes-de-lares-brasileiros-diz-ibge-09112023>. Acesso em 01 jun. 2024.

¹⁰ “Metade dos brasileiros consome algum tipo de conteúdo em TV conectada, indica pesquisa”. Disponível em:

<https://www.tudocelular.com/mercado/noticias/n219104/metade-dos-brasileiros-consome-tv-conectada.html>. Acesso em 01 jun. 2024.

¹¹ Entre essas plataformas, há algumas criadas pelas próprias emissoras. É o caso do Globoplay, que é da Rede Globo e na qual o conteúdo do JPB2 é disponibilizado.

para cima. Em outras palavras, a notícia é o ponto mais importante do jornal, mas o interesse público se torna um dos pontos determinantes para o que vai ou não ser noticiado. É dessa maneira que forma-se o modelo verticalizado advindo do fenômeno convergente. Tal hipótese cria um alerta para os meios de comunicação, em especial os telejornalísticos, a sempre pensarem no comportamento do público (Jenkins, 2015).

Se os antigos consumidores eram tidos como passivos, os novos consumidores são ativos. Se os antigos consumidores eram previsíveis e ficavam onde mandavam que ficassem, os novos consumidores são migratórios, demonstrando uma declinante lealdade a redes ou a meios de comunicação. Se os antigos consumidores eram indivíduos isolados, os novos consumidores são mais conectados socialmente. Se o trabalho de consumidores de mídia já foi silencioso e invisível, os novos consumidores são agora barulhentos e públicos. (Jenkins, 2015, p. 46)

Desta maneira, a concepção do estudioso norte-americano é definida pelo encadeamento de “conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação” (Jenkins, 2015, p. 30).

Em meio a esta inevitável tendência de adaptação e utilização das mais diversas plataformas digitais que convergem com a prática do telejornalismo em prol de suprir um público inserido no ciberespaço (Gibson, 1984), Cerqueira (2018) afirma que “o jornalismo e a sociedade mantêm uma relação cada vez mais forte e intensa. Retroalimentam-se, constroem cotidianamente uma relação de interdependência. Vivem estabelecendo convergência, conflitos, interações e trocas” (Cerqueira, 2018, p. 26).

Seguindo os gostos e necessidades do público e com o intuito de cada vez mais aproxima-los, os veículos televisivos evoluíram sua “atenção ao público” e começaram a dar mais voz popular na produção noticiosa. “No final dos anos 1990, os esforços para ‘ouvir mais’ seu público – como pesquisas de opinião, grupos focais e outras técnicas evoluíram para o incentivo à participação, à colaboração, à interação” (Christofoletti, 2013, p. 3), sendo todas estas possibilitadas com as mídias digitais.

À vista de tal realidade, o engajamento da participação popular transborda o sentido de que o telespectador deva apenas interagir digitalmente com o telejornal, mas sim que este também seja a peça fundamental e participativa na construção da notícia. Toda esta conjuntura é propiciada com a propagação da utilização das

mídias digitais, através do uso de *smartphones* e outros dispositivos móveis via internet, que influenciam diretamente na produção e transmissão das informações via televisão, uma vez que este meio busca espaço junto ao público para garantir que os telespectadores alcancem a informação de maneira cada vez mais democrática. Para Becker (2018), “o telejornalismo está desafiado a encorajar o engajamento e a participação do público em suas plataformas em dispositivos móveis, tornando a experiência de ver telejornais mais interativa, participativa e social” (Becker, 2018, p. 161). Em contrapartida, Lucia Santaella (2006) adverte que:

Conforme os equipamentos de vídeo foram se tornando mais acessíveis a quaisquer pessoas, tanto no seu preço quanto no seu manuseio, foi se expandindo e se tornando mais trivial o seu poder de registro dos acontecimentos. As antigas e nítidas distinções entre produtores e receptores da imagem televisiva começaram a se borrar, por qualquer pessoa com uma câmera na mão tornou-se potencialmente um produtor. (Santaella, 2006, p. 187)

A reflexão de Santaella (2006) levanta uma problemática em meio a este processo. Ao tornar os equipamentos de vídeo mais acessíveis e fáceis de manusear, criou-se a ilusão de que qualquer pessoa com uma câmera na mão é, automaticamente, um produtor de conteúdo. Essa aparente democratização do registro audiovisual borra as fronteiras entre profissionais e amadores, o que pode comprometer critérios técnicos, éticos e editoriais próprios do jornalismo, colocando em risco a qualidade e a credibilidade da informação.

Medeiros (2017) destaca outra questão que, por influenciar e estimular a participação do público, o jornalista passa por uma transição na função de apenas informar, assumindo novas funções:

Fazem parte desse circuito o diálogo com o internauta/telespectador/produtor no próprio espaço do telejornal e também nas relações mantidas por outros modos de interlocuções estabelecidos no processo de captura e entrega do material produzido, dando continuidade ao processo que, dinâmico, ganha novas configurações a partir de experiências feitas pelo jornalista, a produção da TV e os espectadores/colaboradores. (Medeiros, 2017, p. 240)

Mediante ao cenário, Vizeu (2013) conclui que “a função do telejornalista se reconfigura na medida que ele, além de buscar e decidir o que será notícia, agora também filtra, apura e contextualiza a informação que vem até ele por meio do telespectador” (Vizeu, 2013, p. 401).

Neste contexto, a relação entre telejornalismo, internet e interesse público se torna mais interativa, exigindo novas dinâmicas na produção e na distribuição da notícia. Se antes o telejornalismo era pautado por uma lógica unidirecional, hoje ele se adapta a um cenário de convergência no qual a informação circula entre diferentes plataformas e dispositivos. Diante dessa transformação, emerge o conceito de “Jornalismo para Telas” ou “Jornalismo de Telas” (Emerim, 2017), que engloba a produção noticiosa pensada para múltiplos formatos e contextos de consumo de um público que está cada vez mais em contato com telas não convencionais, como *smartphones*, *tablets*, computador e outros.

2.4 O jornalismo e o paradigma da sua produção para telas

Para alguns pesquisadores da área da comunicação, o jornalismo possui um modelo específico de produzir conhecimento. Para Meditsch (1997), “o jornalismo não revela menos realidade do que a ciência: ele simplesmente revela diferente. [...] Assim, ele se torna capaz de revelar diferentes modos de conhecimento que outros aspectos não são capazes de revelar” (Meditesch, 1997, p. 3). Além disso, ao expandir tal concepção, comprehende-se que esta profissão está diretamente ligada à investigação das práticas sociais enquanto os cidadãos se relacionam entre si e com o mundo. É partindo de ideais como estes que a atividade jornalística se origina como prática específica de produção de conhecimento.

Em todos os seus suportes (TV, rádio, internet e outros), o jornalismo carrega este preceito. No “telejornalismo”, por exemplo, a essência supracitada é delineada sob o prisma técnico e estético televisivo que, ao mesmo tempo, consolida-se como uma mídia de transmissão a partir do caráter narrativo (Abreu, 2002). Neste contexto, mesmo antes do surgimento da televisão, Emerim (2017) explica que “era comum definir as imagens partindo do seu suporte [...] visto que elas traziam elementos mais identificáveis como o fotográfico, videográfico, fílmico, etc” (Emerim, 2017, p. 116). Dentro desta prática surgiram as imagens captadas por meio das câmeras analógicas de vídeo que possuíam caráter jornalístico. Este jornalismo produzido para ser exibido em telas ou para televisão foi nomeado de telejornalismo.

Entretanto, em decorrência dos acontecimentos das últimas décadas, o conceito acerca da essência do jornalismo para televisão está tendo que ser cada vez mais repensado por conta da infinidade de telas que propiciam a execução do

modelo com a mesma perspectiva, mas em diferentes narrativas. Isso acontece em decorrência do processo de convergência midiática entre a televisão e a internet utilizada em aparelhos móveis (Silva, 2015), que resultam em produções televisuais cada vez mais híbridas entre a tela da televisão e a tela do computador, *smartphone*, *tablet* e etc.

As possibilidades semânticas do próprio termo telejornalismo permitem ampliar a compreensão desse senso comum que o ligava exclusivamente à televisão. A televisão emprega a imagem em movimento que já era característica do cinema, mas dele se diferencia pela possibilidade de transmitir ao vivo¹², em tempo real as imagens e sons do mundo. (Emerim, 2017, p. 117)

Em meio a este processo de hibridização, o dicionário define o termo “tele” como vindo do grego e que está associado à ideia de estar longe, distância ou transmissão de dados a distância. Da mesma forma a Anatel (BR) define o termo como: “qualquer transmissão, emissão ou recepção de símbolos, sinais, texto, imagens e sons ou inteligência de qualquer natureza através de fio, de rádio de meios ópticos, eletromagnéticos ou digitais” (Anatel: S/D, p. 315).

À luz das concepções, “tele” possui equivalência a distância e televisual transmite a noção de distância de campo ou percepção. Pensando em uma definição mais atual, ao unir os termos “tele” e “jornalismo” torna-se possível discernir que a junção corresponde a prática jornalística direcionada a difusão de ou para longe, sendo ainda transmitida de lugares distantes (Wolton, 2012). Assim, esta ideia ultrapassa a ideia de um jornalismo transmitido apenas para aparelhos de televisão. Emerim (2017) ainda reforça que:

O termo telejornalismo pode definir o jornalismo que é produzido e distribuído para e por telas, incluindo televisão, computador, *smartphone*, celular, *tablets* ou os demais dispositivos e suportes (móveis ou não) que utilizem uma tela de visão ou uma tela refletiva para exibir, distribuir e compartilhar dados. (Emerim, 2017, p. 117)

Não obstante e para além do que já foi conceituado, a esfera telejornalística também corresponde a todas as atividades do jornalismo que estão presentes no audiovisual e, principalmente, nas infinidades de telas presentes na sociedade contemporânea. O processo noticioso neste espaço leva o público a entender e a

¹² “Transmissão de um acontecimento no exato momento em que ele ocorre. Pode ser externa ou do próprio estúdio da emissora.” (Paterno, 2006, p. 193).

legitimar as narrativas jornalísticas para diferentes telas com suporte nas diversas plataformas existentes e que ainda vão existir. No caso da produção do telejornal analisado, o JPB2, a produção para telas rompe as barreiras da televisão e também é encontrada nas redes sociais, como Instagram¹³. Adiante, também serão mostrados exemplos de como acontece essa produção multiplataforma.

Antes, é preciso retomar a ideia de que o jornalismo possui um modelo próprio de conhecimento e também de produção. Esta ideia também abre alas para confirmação de que o telejornalismo possui uma linguagem própria e que claramente já é concebida como híbrida uma vez que a televisão — unida ao modelo de produção jornalística — traz consigo os reflexos do cinema, da fotografia, das artes visuais, do teatro e das falas cotidianas praticadas pelos telespectadores. Neste sentido, vale reforçar que por “linguagem” busca-se “a descrição dos modos de existência e de funcionamento de qualquer língua natural ou, eventual e, mais amplamente, de qualquer semiótica” (Greimas; Courtés, 2016, p. 239).

A partir das diferenças vividas pelas adaptações da TV analógica para a TV digital, Vizeu (2005) crê que a linguagem televisiva é apoiada pelas captações videográficas ou eletrônicas de imagens vivenciadas pelo veículo no decorrer do seu desenvolvimento. Assim, para Medeiros (2017),

A televisão no Brasil elaborou uma linguagem singular que surge da incorporação de práticas e estilos visuais já familiares, como os do cinema e da fotografia. Isso envolve conceitos como composição de cena, uso de luz e cor, configuração de plano, entre outros elementos essenciais que juntos estabelecem um modelo de produção característico. (Medeiros, 2017, p. 232)

O modelo empregado para o jornalismo para telas envolve elementos e operações que se adaptam a partir de fatores externos e internos. Segundo Medeiros (2017), isso pode ser adaptado à medida que as atualizações tecnológicas adentram as produções de televisão e sua distribuição. Esta realidade reafirma o paradigma de transformação, inovação e, principalmente, adaptação em que o jornalismo está inserido. Na busca pela construção dos percursos que legitimem uma identidade própria, o jornalismo para telas percorre as mesmas condutas.

¹³ Perfil da TV Paraíba no Instagram: @tvparaiba. Disponível em: <https://www.instagram.com/tvparaiba/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

A linguagem dos telejornais é uma estrutura específica que governa a produção, baseando-se em normas derivadas das práticas televisivas e ancoradas nos princípios do jornalismo. Essa linguagem se desenvolve a partir de um conjunto de códigos compartilhados pela natureza do meio televisivo, resultando na aplicação de um conjunto específico de regras e rotinas na produção jornalística. (Medeiros, 2017, p. 233)

É evidente o progresso na consolidação do telejornalismo como um campo contemporâneo e produtivo, tanto como disciplina que há algum tempo estabeleceu um conjunto de princípios teóricos sólidos. Muitos destes princípios são herdados do jornalismo em geral, mas há também aqueles que são específicos da natureza da televisão. Neste sentido, os estudos sobre o telejornalismo, realizados em várias áreas e aspectos, têm destacado suas particularidades levando em conta tanto suas capacidades quanto suas limitações. Isso vem resultando em uma variedade de abordagens teóricas e metodológicas que contribuem para a formação de um corpo específico de conhecimento científico, seguindo o exemplo do próprio desenvolvimento do jornalismo.

Diante das reflexões apresentadas, comprehende-se que o jornalismo, enquanto prática social, encontra-se inserido em um contexto de constante mobilidade onde os conceitos de lugar antropológico e não-lugar (Augé, 1994) ajudam a iluminar os espaços simbólicos e físicos em que essa atividade se manifesta. Ao longo deste capítulo foi possível observar como a evolução histórica e tecnológica do jornalismo, com especial atenção ao âmbito televisivo, revela uma prática profissional em contínua adaptação às demandas da era digital. As transformações trazidas pela convergência midiática (Jenkins, 2015) não apenas redefinem as dinâmicas de produção, como também reorganizam os modos de circulação e recepção das notícias. Neste sentido, o capítulo seguinte aprofunda essa discussão ao explorar os impactos da convergência nas rotinas produtivas dos telejornais, bem como os perfis profissionais emergentes que se adaptam a este novo cenário e, entre eles, o jornalista flexitempo, personagem central desta pesquisa.

3 OS REFLEXOS DO CONTEXTO ECONÔMICO NAS ATIVIDADES DO JORNALISTA ATUANTE NA TELEVISÃO

Neste capítulo busca-se trazer à discussão a convergência presente no ambiente de trabalho, na atualidade, do profissional em exercício no jornalismo. Nesta perspectiva são evidenciadas as características de emergentes perfis profissionais da área e que são resultantes das novas estruturas implantadas nas redações. Além disto, são trazidas explicações acerca das rotinas produtivas deste ambiente.

3.1 Flexibilidade e convergência: as notícias sob uma nova rotinização produtiva

Sob a ótica inevitavelmente convergente em que a produção jornalística está introduzida, o que mais se torna possível de observar são as integrações das redações frente à presença tecnológica digital. Nesta realidade não só os processos operacionais ou os próprios processos produtivos noticiosos das empresas de comunicação, em especial as produtoras de telejornal, são alterados, mas também as atribuições profissionais jornalísticas. Para Lôrdelo (2015), esta conjuntura se dá através de um paradigma sócio-tecnológico onde as atualizações nestes espaços, a partir da chegada de novas tecnologias, sempre estiveram atreladas às adaptações do fazer jornalístico e sempre refletirão diretamente na produção, transmissão, circulação e consumo das informações.

Este método se evidenciou quando os veículos de comunicação entraram em convergência, ao início dos anos 1990, com os jornais impressos, televisões e rádios remodelando seus materiais para serem propagados na internet. Para isto,

Os jornalistas responsáveis pelo site eram responsáveis pela adaptação do conteúdo produzido para os veículos de comunicação tradicionais. Esta adaptação acontecia em pequenas redações, como ainda hoje ocorre em alguns meios de comunicação. (Lopez, 2009, p. 59)

García Avilés e Carvajal (2008) sublinham que este fenômeno presente nas redações faz parte de um processo que busca unificar a marca através de seus diversos veículos. Ligados por uma única rede, o intuito maior deste ato é reforçar a credibilidade e a qualidade dos telejornais perante as sociedades liberais

democráticas. Partindo deste pressuposto, o jornalismo é reconfigurado para o sistema produtivo integrado e se distancia da perspectiva de veículos de comunicação como produção isolada (TV, impresso e rádio).

Entretanto, vale aqui ressaltar que, em meio a este processo, a distribuição de notícias formatada para mais de um veículo faz emergir a figura do novo profissional de jornalismo destinado a dar conta das novas demandas, sendo este caracterizado pela flexibilidade e polivalência multimidiática. Esta emergência em tal ocupação corporativa é, segundo López-García et al (2009), apenas o início de um conjunto de transformações e transferências que o sistema produtivo midiático vem enfrentando nas últimas décadas.

O aparecimento deste profissional não é sinônimo de melhorias, como, por exemplo, gratificações, nas práticas laborais ocorridas nas redações. Segundo Kischinhevsky (2009), os profissionais de jornalismo foram levados à execução de tais processos flexíveis para a manufaturação de um produto noticioso que possa ser adaptado para várias plataformas ou veículos. Em meio a esta tendência onde a reconfiguração produtiva não é uma escolha, mas sim uma tendência, são evidenciados alguns riscos, como um material noticioso com um nível de qualidade em que não há contribuição para a credibilidade dos telejornais; e, não obstante, a função de mediação do jornalista, que é posta em risco. Tais ameaças são destacadas em decorrência da produção multiplataforma que precisa ser priorizada pelos jornalistas para seguirem com o processo de checagem dos fatos (Kischinhevsky, 2009).

Tendo em vista este cenário, Starkman (2010) conceitua que é definido como o fenômeno da “roda do hamster” a incontestável necessidade de adaptação aos processos flexíveis que colocam a notícia para ser replicada em diferentes canais de diferentes elocuções. A referência também contextualiza que o modelo de distribuição de notícias para as multiplataformas, em decorrência de um alargamento no escopo do trabalho jornalístico, é propício porque reflete diretamente na redução para os custos das produções, mas, como resultado, são perdidos os aprofundamentos nos materiais noticiosos.

A convergência, enquanto estratégia prioritariamente conservadora, também tenderia a ofuscar o debate sobre os impactos de uma integração das redações na autonomia dos veículos e seus produtos jornalísticos,

como no caso, de uma possível transformação dos telejornais em um produto de marca de rede televisiva. (Lôrdelo, 2015, p. 94)

Deuze (2004) disserta que é através do seguimento deste fio que a nacionalização da polivalência acontece. Neste processo, nas redações convergentes, há uma concordância entre os jornalistas que tendem a invisibilizar fatores que dizem respeito à autonomia produtiva. É por meio deste senso comum que a rotina de trabalho flexível também é evidenciada para notícias em multiplataformas, já que o exercício cooperativo e/ou colaborativo é posto entre veículos jornalísticos distintos (Deuze, 2004). Estes exercícios já supracitados são universalmente desenvolvidos por *cross-media*¹⁴ ou *cross-promotion*¹⁵ (Micó et al., 2009). Além disso, todo este método é benéfico para o desaparecimento do pluralismo e homogeneização nas redações, já que o benefício das cooperações não é destacado em decorrência das questões acerca da autonomia quando há integração dos veículos (Micó et al., 2009).

Na disputa por autonomia nas redações é importante destacar que, agora, estas não são mais concentradas apenas no procedimento colaborativo que antes era limitado às divergências entre, por exemplo, diretorias de marketing e executivas. Agora este processo é atrelado, também, às particularidades e interesses dos veículos integrados, o que contribui ainda mais para a disputa dos setores jornalísticos dentro das redações. Como resultado, o que ocorre é um impacto na qualidade das atividades laborais e uma autonomia consequentemente restringida.

Ressaltando este sistema paradoxal, Veloso (2011) diz que os conglomerados de comunicação fazem uso do modelo de convergência midiática objetivando mais lucro e mais produtividade para as televisões. Entretanto, esta adoção com tais intuições não descarta o nascimento de iniciativas que reforcem as

¹⁴ "As gestões, práticas e rotinas comuns entre jornais impressos, televisão, rádio e internet aumentam notavelmente com a nova filosofia digital, e já se fala abertamente de integração (de redações ou centros de trabalho) a partir de todas estas sinergias. Ademais, com relação à difusão, o novo sistema facilita que se afiance o que se tem denominado como *cross-media*, isto é, a exploração de conteúdos através de várias plataformas, um cruzamento no qual o trabalho feito para cada uma delas repercute positivamente na oferta do resto. As vantagens são múltiplas: se compartilham recursos, se reduzem gastos, diminui o tempo de elaboração de informações – se pode automatizar a criação de novas produções, por exemplo, para dispositivos móveis – e melhora a rentabilidade, posto que os jornalistas podem dedicar o tempo economizado a outras tarefas. Igualmente, permite transferir a audiência (e os anunciantes) entre meios, fortalecer a marca e gerar receita extra (por exemplo, com novos serviços por assinatura)" (Micó et al, 2009, p. 4). Disponível em <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/198/197>. Acesso em: 04 mai. 2025.

¹⁵ "As modalidades mais simples de cooperação entre redações adotam a forma de promoção cruzada (*cross-promotion*), isto é, o uso de palavras ou elementos visuais para publicizar conteúdos produzidos por outros meios, habitualmente do mesmo grupo" (Micó et al, 2009, p. 6). Disponível em <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/198/197>. Acesso em: 04 mai. 2025.

atividades laborais jornalísticas (Veloso, 2011). Esta reconfiguração abre alas para pensamentos e questionamentos de como são as rotinas produtivas nas redações jornalísticas integradas frente à convergência transmídiática. Estes serão respondidos através das exemplificações de como são as rotinas trabalhistas para a produção do JPB2 na redação integrada do Grupo Paraíba de Comunicação em Campina Grande.

O fenômeno convergente não é apenas ligado a questões de retornos financeiros ou de produtividade, e muito menos um indicativo de impulsionamento tecnológico. Estes quesitos são apenas consequências de um processo muito maior que busca resguardar a integridade e credibilidade das redes televisivas que fazem parte dos grupos de comunicação, além de, também, adaptar e incentivar as redações a produzirem informações para diversas plataformas. Contudo, cada conglomerado de comunicação é sustentado por um modelo que vai de encontro às constantes transformações do público, buscando compreender suas necessidades e interesses inseridos em conteúdos que possibilitem a interação. Esta necessidade abre brechas para uma produção integrada flexível onde a distribuição é multiplataforma (Salaverría, 2008).

Em meio a esta realidade convergente, as redações que estão integradas apresentam suas estratégias para produzir jornalismo dentro de um contexto laboral flexível. Para Salaverría (2008), os encadeamentos deste cenário são extensos porque é necessário inferir em novos perfis profissionais que estão submersos em novas relações entre setores, grupos e novos modelos de apuração e cobertura de ocorrências. Com base nisto e em algumas outras bibliografias, serão destacados, adiante, alguns destes emergentes perfis profissionais dentro do jornalismo.

3.2 Titulações dadas ao profissional de jornalismo em um contexto pós-industrial

Na década de 1980, Ithiel de Sola Pool (1980), cientista político, utilizou o termo convergência para conceituar o conjunto de transformações tecnológicas ocorridas no setor da comunicação. No que diz respeito à convergência na comunicação, sobretudo na área jornalística, segundo Jenkins (2015), o conceito trata acerca do apoderamento tecnológico e/ou social de plataformas, ferramentas, dispositivos e sistemas, traçados pela interatividade entre antigos e novos

profissionais que resultam em novas formas de produção, consumo e distribuição de materiais jornalísticos.

O mesmo autor ainda explica que o modelo também é responsável por tirar os trabalhadores da zona de conforto e por construir imprecisões entre as práticas comunicacionais, seus gêneros informativos e seu público.

[...] uma interação de ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens anteriormente desagregadas, de forma que os jornalistas elaboram conteúdos que se distribuem através de múltiplas plataformas, mediante as linguagens próprias de cada uma. (Salaverría; Negredo, 2008, p. 45)

Na esfera tecnológica, a convergência traz à tona novas possibilidades de produções jornalísticas a partir das necessidades de um público que acompanha as atualizações tecnológicas (Salaverría; Negredo, 2008). Inseridos neste contexto emergem perfis profissionais novos, como também processos produtivos atualizados. Entre estes, estão o jornalista polivalente ou jornalista convergente, além do jornalista multimídia e jornalista de dados (Jenkins, 2015). Não obstante, neste cenário podem-se aparecer: 1) polivalência midiática, denominada por um exercício jornalístico em diversos espaços informativos de uma empresa ou grupo de comunicação; e/ou 2) polivalência funcional, caracterizada pela execução de multifunções (Salaverría; Negredo, 2008).

Neste contexto, a remodelação profissional é posta em discussão conforme ocorre a dilatação de conteúdos no âmbito do jornalismo digital, já que, segundo Mielniczuk e Marques (2007), este último está intrinsecamente ligado ao enquadramento de produção de maneira sistêmica e dependente dos padrões de produção. Assim, comprehende-se um conjunto de técnicas de propagação, produção, obtenção e difusão de notícias por meio de infinitos meios, linguagens e suportes de conglomerados de comunicação sobrepostos ao jornalismo que evidenciam a remodelação das rotinas produtivas deste profissional (Salaverría; Negredo, 2008), bem como as aptidões digitais que reproduzem tais padrões e técnicas de produções já supracitadas (Ferrés; Piscitelli, 2012).

A partir destes levantamentos, Jenkins (2015) sublinha que o conceito de convergência, ou aqui também denominado de jornalista convergente, é ligado, sobretudo, à dimensão cultural em que está posta a atividade profissional

jornalística. Neste caso, Martins (2012) acrescenta que esta dimensão citada também diz respeito à maneira que o jornalista lida com as atualizações contemporâneas. Cada um destes aspectos, assim como a construção de narrativas expandidas em plataformas digitais distintas, contribuem para compor o que Jenkins (2015) define como Cultura de Convergência. Assim, o entrelaçamento entre os meios digitais e tradicionais abrem as portas para esta espacialidade narrativa, apontada pelo autor como, também, exteriorização da convergência.

Bolter e Grusin (1999) salientam como remediação o método de aperfeiçoamento de conteúdos tradicionais ou velhos pelos novos conteúdos. A respeito disto, Canavilhas (2013) reforça que há também uma remediação inversa, ocorrida quando os novos meios são incorporados por antigas plataformas, “procurando, dessa forma, sobreviver no ecossistema midiático” (Canavilhas, 2013, p. 54). Nesta tentativa, a produção contínua abre alas para o conteúdo multidirecional, sendo este um dos pilares do modelo transmídiático e que é encontrado em produções multiplataformas, ou seja, quando o jornalista multiplataforma/polivalente/convergente produz os conteúdos em diversas plataformas midiáticas, como internet, televisão, rádio ou impresso, permitindo que o público tenha acesso ao produto noticioso em qualquer um destes e outros canais. Para Martins (2012), a transmídia ocorre no alargamento da narrativa, tal como “na relação entre as histórias ligadas pelo mesmo enredo, mas narradas e transmitidas por meios independentes” (Martins, 2012, p. 162).

Dessa maneira, o jornalista multiplataforma, polivalente ou convergente é a denominação do profissional que lida e executa a narrativa transmídia, sendo esta a referência de notícias narradas em diversos modos e meios de tal forma que a publicação em um canal (TV, rádio, internet) complemente o outro. Se tratando, dessa maneira, de um trabalho cada vez mais adaptativo, e também expansivo, e com um intuito único: a venda da notícia (Medina, 1988). Jenkins (2015) caracteriza a atividade deste profissional com nove características: espalhamento, capacidade de perfuração, continuidade, multiplicidade, extração, imersão, construção de mundo ou universo, serialidade, subjetividade e performance, as quais são, segundo o estudioso, necessárias para a execução da narrativa multimídia ou multiplataforma.

A reestruturação operante no ramo do jornalismo, a partir da união do

profissional aos meios tecnológicos, levanta uma série de questões sobre a execução da atividade do setor. Entre elas, a prestação de serviços em multiplataformas e/ou a execução de atividade de qualquer lugar e a qualquer hora, uma vez que o maquinário tecnológico e digital como o *smartphone*, por exemplo, corrobora para esta realidade, como também contribui para a execução de várias funções ao mesmo tempo. Bertolini (2017) explica que esta tendência não tem volta e que esta crise está invadindo as redações jornalísticas como a música invade os ambientes. O resultado deste modelo, ainda segundo o autor, são jornalistas insatisfeitos desempenhando muitas funções dentro e fora do seu ambiente de trabalho.

Neste processo, Canavilhas e Rodrigues (2017) destacam duas alternativas adotadas pelos conglomerados jornalísticos: 1) produção de notícias desenvolvidas para informarem através dos dispositivos móveis; e 2) a convergência destas notícias móveis, onde o material é remodelado para ser distribuído em outros canais.

Dentro desta perspectiva, o jornalismo em mobilidade caminha para um futuro em que os dispositivos móveis serão pensados em primeiro lugar pela empresa midiática, favorecendo a estratégia *mobile first*¹⁶, própria da experiência móvel da atualidade. (Canavilhas; Rodrigues, 2017, p. 41)

Para tanto, Prado (2011) também sublinha que, para o jornalista conquistar o sucesso, é imprescindível a adoção do perfil multitarefa, ou seja, a disposição da execução de qualquer atividade dentro do setor mediante a necessidade do dia a dia. “A nova geração sabe manusear várias mídias ao mesmo tempo. É jornalista-radialista digitalizado, cinegrafista e fotógrafo” (Prado, 2011, p. 3). Em meio a necessidade, a autora declara que a base do jornalismo está fincada no fato dos seus profissionais escreverem bem. Entretanto, nas avaliações das entrevistas de emprego, é posto em causa o quanto multitarefa o jornalista é por meio da exigência do manuseio e desenvolvimento de websites, criação de conteúdos em mídias digitais, além de locução, edição, filmagem e muito mais.

Na execução da necessidade de tantas atividades é destacada, também, uma atividade que só se desenvolve por meio do aparato tecnológico. Assim, a

¹⁶ “No que diz respeito ao jornalismo, ao adotar o *mobile first*, o veículo, antes mesmo de publicar a notícia ou reportagem, e até mesmo, durante sua apuração ou pauta, passa a pensar primeiro em como aquela informação será veiculada nas mídias móveis.” (Alves, 2018, p. 37).

dependência tecnológica que o profissional de jornalismo tem é tendenciosa ao enganá-lo de que ele terá mais liberdade ou controle sobre suas atividades prestadas. Assim, quando o profissional tem o trabalho precarizado pelas tecnologias que usa, Sennett (2009, p. 54) define este profissional como “flexitempo”. Esta conceituação se aplica ao jornalismo uma vez que nela a precarização do trabalho não se enquadra com os vínculos empregatícios.

Na revolta contra a rotina, a aparência de nova liberdade é enganosa. O tempo nas instituições e para os indivíduos não foi liberto da jaula de ferro do passado, mas sujeito a novos controles do alto para o baixo. O tempo da flexibilidade é o tempo de um novo poder. (Sennett, 2009, p. 69)

Segundo os sociólogos Nunes e Souza (2018), o exercício profissional aliado ao digital reproduz uma reorganização e readaptação nos locais de trabalho. Para tais autores, através do serviço prestado por meio dos espaços eletrônicos, o conteúdo se conecta com o público interessado. Entretanto, estes novos espaços de trabalho abrem discussões para uma esfera de profissionais mais precarizados, fora dos direitos trabalhistas (Nunes; Souza, 2018) e, no universo do jornalismo, com o produto noticioso prejudicado. Essa hipótese se dá baseada no fator tempo que é imposto sobre os jornalistas que obrigatoriamente necessitam ser imediatistas por causa do uso da internet, por exemplo. Dentro desta realidade, Abreu (2002) afirma que “nesse processo rápido e ágil, o controle da qualidade se torna mais difícil” (Abreu, 2002, p. 36). Além disso,

No novo jornalismo, submetido à pressão da concorrência - que afinal resume todos os outros tipos de pressão -, os jornalistas também são submetidos a regras mais explícitas, destinadas a aumentar a eficiência do processo coletivo de trabalho. Seria esse, e não mais o ‘talento individual’, o grande trunfo do jornalismo moderno. (Abreu, 2002, p. 37)

Dessa maneira, por meio da reestruturação possibilitada com os advindos digitais e com a necessidade do jornalista lidar com o fator tempo, o conceito de flexibilidade de Sennett (2009) evidencia o jornalista flexitempo (Oliveira et al, 2021). Tal profissional possui uma rotina de trabalho desestruturada, flexível e que abre portas para, inclusive, o trabalho executado em casa. Sendo este último, caracterizado pelo sociólogo, como o pior dos flexitempos: o teletrabalho¹⁷.

¹⁷ Teletrabalho, também dito trabalho remoto, significa, literalmente, trabalho a distância. Deriva do conceito denominado, em inglês, *telecommuting*.

Um trabalhador flexitempo controla o local do trabalho, mas não adquire maior controle sobre o processo de trabalho em si. A essa altura, vários estudos sugerem que a supervisão do trabalho muitas vezes é na verdade maior para os ausentes do escritório do que para os presentes. Os trabalhadores, assim, trocam uma forma de submissão ao poder - cara a cara - por outra, a eletrônica. (Sennett, 2009, p. 68)

Após essa ponte comparativa entre o conceito de Sennett e a realidade do trabalho jornalístico, percebe-se que a expressão “jornalista flexitempo”, diferentemente das outras nomeações, se liga à conceituação que vai para além dos meios onde o jornalista transmite a notícia, uma vez que, na busca pelo furo¹⁸ este acaba exacerbando seu tempo contratual de serviço ou, em alguns casos, exerce a sua função profissional fora da redação com o intuito de controlar seu trabalho. Em outras palavras, dos termos aqui expostos, este é o único que liga-se, também, ao tempo de serviço prestado ou a uma vida em prol do exercício jornalístico.

Desta maneira, com o trabalho se adequando dia após dia neste contexto digital e contemporâneo, visualizamos os jornalistas atuantes em telejornais constantemente ligados ao exercício de sua profissão que exige muita inovação e pouco tempo para produção. Segundo Nicoletti (2019, p. 69), o cenário em que está inserido o jornalismo atual coloca o jornalista como uma “máquina de alta produtividade”, no qual é intencionalmente imposto a necessidade de muita produção e em pouco tempo. No universo do telejornalismo acreditamos que essa situação seja ainda mais agravante, já que, para Schlesinger (1993), a ideia-chave dos jornalistas de televisão é o imediatismo.

Diante deste cenário, os jornalistas que atuam no telejornalismo, inclusive no JPB2, não apenas enfrentam a pressão do tempo, mas também precisam fazer escolhas estratégicas sobre quais acontecimentos serão noticiados e de que forma serão apresentados. Assim, a lógica da alta produtividade imposta ao jornalismo televisivo não se sustenta apenas no imediatismo, mas também na necessidade de selecionar e hierarquizar informações com base nos critérios de noticiabilidade e nos valores-notícia, elementos fundamentais para compreender a dinâmica da produção jornalística na televisão e que serão retratados a seguir.

¹⁸ “Notícia transmitida em primeira mão, antes das outras emissoras.” (Paterno, 2006, p. 205).

3.3 A produção em telejornalismo a partir dos critérios de noticiabilidade e dos valores-notícia

Em meio aos dilemas em que o jornalista flexitempo (Sennett, 2009; Oliveira et al, 2021) está envolvido, um outro ponto que possui total ligação com a forma como o profissional de jornalismo trabalha em suas rotinas são os critérios de noticiabilidade e os valores atribuídos às notícias. Estas circunstâncias sempre estarão presentes na produção noticiosa (Wolf, 1994) independente do tempo em que este trabalhador leva para executar suas atividades ou onde estas demandas são executadas. Será abordado adiante, a partir da metodologia, como estas questões estão presentes no dia a dia laboral dos telejornalistas entrevistados.

A partir da abundância de possibilidades para fazer notícias em telejornalismo, outras questões são levantadas como base para que esta produção aconteça: os critérios de noticiabilidade¹⁹ e os valores-notícia²⁰. Assim, quando é “definida a noticiabilidade como um conjunto que determina quais acontecimentos virarão notícia, podemos definir os valores-notícia como um componente da noticiabilidade” (Wolf, 1994, p. 175-174). Para tanto, é necessário reforçar que, assim como em outros âmbitos do jornalismo, o telejornalismo possui o compromisso de propagar informações que destacam-se ao longo do dia a dia – sendo algumas destas com a necessidade de atualizações à medida que novas informações vêm à tona.

Sendo assim, o produto informativo parece ser resultado de uma série de negociações, orientadas pragmaticamente, que têm por objeto o que dever ser inserido e de que modo dever ser inserido no jornal, no noticiário ou no telejornal. Essas negociações são realizadas pelos jornalistas em função de fatores com diferentes graus de importância e rigidez, e ocorrem em momentos diversos do processo de produção. (Wolf, 1994, p. 200)

No desempenho deste dever, os profissionais envolvidos são os responsáveis por interpretar as ocorrências e por transformá-las em notícia para o público-alvo ou telespectadores. Assim, Curado (2002) salienta que a noticiabilidade de um acontecimento é medida quando os profissionais que estão de plantão nas

¹⁹ Como um fato pode se tornar notícia (Wolf, 1994).

²⁰ Atribuições que avaliam a relevância do fato ao longo do processo de produção noticiosa (Wolf, 1994).

redações telejornalísticas julgam se a ocorrência merece, de fato, ganhar o peso de se transformar em notícia. Não obstante, para que a informação seja noticiada, segundo a autora, ainda é necessário que esta esteja alinhada à abrangência, ou seja,

A importância da notícia geralmente é julgada de acordo com a sua abrangência, isto é, segundo o universo de pessoas às quais pode interessar. Esse é o critério mais utilizado em jornalismo de televisão que, dando ênfase ao aspecto da amplitude, pode tender a transformar a notícia em entretenimento ou em espetáculo, tratando apenas de questões amenas ou desprovidas de polêmica. (Curado, 2002, p. 16)

Dessa maneira, é nítido que há uma ligação entre a atividade desenvolvida e a teoria do *gatekeeper*, uma vez que “a entrada nos canais de notícia é controlada pelos *gatekeepers*, que determinam quais eventos devem ter peso para o acesso a transmissão” (Shoemaker, 2010, p. 60). O “peso” conceituado pelo autor, que corresponde ao que irá possibilitar o noticiamento, é definido pela noticiabilidade empregada a cada acontecimento, como é apontado por Wolf (1994):

A noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, quotidianamente, de um entre um número imprevisível e indefinido de fatos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias. (Wolf, 1994, p. 170)

Em meio a estas hipóteses que buscam mostrar de que forma um fato vira notícia, algumas lacunas surgem: quais são os critérios que suficientemente atribuem valor significativo ou de relevância para que um fato seja noticiado? Após o valor atribuído, como esta seleção acontece? Para isto, é possível identificar os tipos de valores-notícia, assim como os critérios de noticiabilidade utilizados para tais determinações em questão, por exemplo, através da teoria etnoconstrucionista (Wolf, 1994). O conceito vai de encontro com a explicação de que as notícias são resultantes de um exercício laboral em que são estabelecidos os processos de transição de uma matéria-prima – neste caso, o fato – em um produto – neste caso, a notícia. Seguindo tal raciocínio, é possível entender que o dilema apresentado liga-se, implicitamente, ao conceito de construção da audiência presumida, definida por Vizeu (2005), uma vez que,

Os fatos constituem um imenso universo de matéria-prima, a estratificação desse recurso consiste na seleção do que irá ser tratado, ou seja, na escolha do que se julga matéria-prima digna de adquirir existência pública de notícia, ser noticiável, ter noticiabilidade. É assim que a noticiabilidade e os valores-notícia estão relacionados de uma forma implícita numa ideia de construção da audiência. (Vizeu, 2005, p. 25)

Dentro da rotina de produção das notícias, Vizeu (2005) também sublinha algumas questões organizacionais, como os regimes impostos ou culturas adotadas por empresas jornalísticas. Este processo decorre a partir do dilema que submete os diretores de redação a aceitarem algumas situações para manter o sustento da empresa. Essa realidade afeta diretamente a noticiabilidade e que, quando combinada aos valores-notícia, desempenha uma função de coadjuvar o profissional de jornalismo na seleção e/ou definição dos fatos que receberão viés noticioso daqueles que serão menosprezados.

À proporção que as atualizações tomam conta do terreno informacional, os valores-notícia seguem este fluxo e também são modernizados. Pereira Júnior (2003) destaca que esta realidade se dá porque estes objetos são inevitavelmente dinâmicos e tendem a transacionar e se adaptar às novas realidades de acordo com o passar do tempo. Como resultado deste processo são percebidos que a noticiabilidade e valores-notícia não aparecem somente durante a triagem noticiosa, mas sim em todo trabalho de execução jornalística, que vai desde a apuração e apresentação das ocorrências. Isso passa pelo filtro de edição onde são evidenciadas as características que catalisam a chance de serem noticiados e vai até, finalmente, chegar ao momento da transmissão do jornal onde, a depender do formato do produto, são agrupadas as notícias por ordem de importância e, neste caso, uma série de outros atributos são envolvidos como, por exemplo, as questões de audiência.

Ainda há os valores-notícia de seleção e os valores-notícia de construção, que são as duas categorias de valores-notícia agrupados por Nelson Traquina (2005), em sua obra Teorias do Jornalismo. Nesta divisão, ainda há subdivisões feitas pelo autor. A categoria seleção é dividida em – critérios contextuais –, que se refere ao sentido de criação da notícia; e – critérios substantivos –, que destacam termos de importância aos acontecimentos, entre eles: violação, imprevisto, confronto, prestígio, aproximação, reputação, tempo, originalidade, interesse e óbito.

Por outro lado, a categoria construção assemelha-se quase como um complemento do subgrupo de critérios contextuais por fazer menções às particularidades que transformam o fato em notícia, como: concordância, intensificação, customização, exposição e descomplicação.

Contudo, o estudioso também define que os valores-notícia são “linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na construção do acontecimento como notícia” (Traquina, 2005, p. 78).

Diante das reflexões teóricas apresentadas ao longo deste capítulo, torna-se evidente que a convergência midiática tem remodelado profundamente as rotinas produtivas no telejornalismo, provocando o surgimento de novos perfis profissionais que se adaptam a um cenário cada vez mais dinâmico e exigente. Entre estes perfis, destaca-se o jornalista flexitempo, cuja atuação é marcada pela multifuncionalidade, pela mobilidade e pela flexibilidade temporal muitas vezes exercida em espaços que extrapolam os limites físicos da redação e se aproximam do que Augé (1994) conceitua como não-lugares.

Assim é observado que tais transformações não apenas ressignificam a prática jornalística, como também reconfiguram sua espacialidade e suas condições de trabalho. Para aprofundar a análise destas questões, o capítulo seguinte apresenta uma abordagem centrada nas experiências cotidianas dos telejornalistas do JPB2 com base em entrevistas semiestruturadas que buscam compreender como estes profissionais vivenciam, na prática, os desafios e contradições da flexibilização do trabalho no jornalismo em redações integradas.

4 METODOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS: RELATOS EM ORALIDADE

Para compreender como ocorre a atuação do jornalista flexitempo e como as rotinas produtivas do JPB2 se dão em não-lugares, optou-se pelo método da história oral e pela técnica qualitativa de entrevista semiestruturada (Duarte; Barros, 2015) como auxílio na coleta de dados a partir de entrevistas com os oito jornalistas responsáveis pela produção do referido telejornal da TV Paraíba, afiliada à Rede Globo, em Campina Grande, na Paraíba. A abordagem busca entender como se dá a rotina laboral sob a ótica flexitempo, o processo de adaptação e os impactos na produtividade dos jornalistas que desenvolvem suas atividades dentro e fora das redações, caracterizando a flexibilização e os não-lugares como já foi conceituado anteriormente em capítulos anteriores.

Levando tal contexto em consideração, a escolha metodológica da história oral se dá em razão de que os depoimentos são o reflexo mais real do que é enfrentado pelos entrevistados, possibilitando à narrativa uma compreensão mais humanizada e ética (Karam, 2014), de maneira que seja possível dar voz e protagonismo aos telejornalistas flexitempo através de suas opiniões, vivências e emoções que constituem, neste caso, suas experiências profissionais na rotina laboral do telejornal supracitado. Para Alberti (1990), tal método é:

[...] Um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participam de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc. (Alberti, 1990, p. 52)

Para tanto, a coleta de dados se dá através da entrevista semiestruturada, já que esta técnica se legitima não pela quantidade, mas pela qualidade, profundidade, detalhamento e contextualização dos relatos que os entrevistados podem oferecer. Nestes termos, ao analisar os dados busca-se as regularidades temáticas e os significados atribuídos a elas. Segundo Duarte e Barros (2015), “a entrevista é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer” (Duarte e Barros, (2015, p. 62).

As entrevistas foram iniciadas em dezembro de 2024 e estenderam-se até fevereiro de 2025 em horários que variaram entre manhã, tarde e noite, a partir da disponibilidade de cada fonte analisada. Cada um dos momentos aconteceu de maneira remota através de videochamadas em um aplicativo multiplataforma de mensagens, o *WhatsApp*. A razão para tal escolha do modelo de encontro com os jornalistas se deu em decorrência das suas agendas atípicas com compromissos e demandas nos âmbitos pessoal e profissional.

Todas as respostas foram gravadas, transcritas, organizadas e analisadas a partir de linhas temáticas que seguem uma ordem do que foi exposto ao longo desta pesquisa. Tópicos como, rotinas dentro da redação; inserção de novas tecnologias digitais e o impacto que isso trouxe; quais os artifícios tecnológicos mais comuns no dia a dia; aumento na produtividade a partir da utilização de equipamentos digitais; a importância de saber transitar por várias funções dentro da redação; razões que levam ao exercício profissional fora do horário de trabalho; impressão de domínio sob o próprio trabalho ao realizá-lo fora da redação; ritmo de trabalho e considerações sobre a atuação flexitempo, foram postos em evidência na hora de criar as linhas temáticas a partir de cada resposta.

Estas divisões foram comparadas com os arcabouços históricos e sociológicos já levantados para mostrar, na prática, como os entrevistados se relacionam com a atuação em não-lugares do jornalista flexitempo atuante no telejornalismo. Sendo assim, o instrumento de coleta foi o roteiro semiestruturado (Apêndice A) aplicado no momento das entrevistas, com perguntas abertas para facilitar o processo de obtenção de respostas e, assim, obter abertura para explorar ao máximo todas as informações durante os encontros. Além disso, como o método se deu através de uma conversa ao vivo sobre experiências vividas diariamente, a partir de cada perspectiva, houve a possibilidade de alguns aprofundamentos para além do que foi inicialmente planejado.

Dentre os entrevistados estavam: Carlos José Magalhães de Siqueira, coordenador de Jornalismo²¹, chefe de reportagem²² e apresentador²³ do JPB2, atuante no veículo há 36 anos (entrevista concedida em 17 de dezembro de 2024);

²¹ “Profissional que acompanha a edição de um telejornal e coordena as operações técnicas. Estabelece o dead-line para as matérias, verifica horários das gerações, e faz a contagem do tempo de produção.” (Paternostro, 2006, p. 199).

²² “Jornalista encarregado de coordenar o trabalho dos repórteres” (Paternostro, 2006, p. 198).

²³ “Profissional que faz a apresentação dos telejornais.” (Paternostro, 2006, p. 209).

Ana Maria de Sousa Pereira, editora de texto²⁴ e de imagens²⁵, atuante no veículo há 10 anos (entrevista concedida em 09 de janeiro de 2025); Lídice Anny de Medeiros Pegado, produtora²⁶ e vídeo-repórter²⁷, atuante no veículo há seis anos (entrevista concedida em 15 de janeiro de 2025); Hélio Henrique Bernardino de Andrade, produtor e editor de texto, atuante no veículo há cinco anos (entrevista concedida em 28 de janeiro de 2025); Ademar Trigueiro Lima, repórter²⁸, atuante no veículo há três anos (entrevista concedida em 03 de fevereiro de 2025); Artur Silva Lira, repórter, atuante no veículo há 12 anos (entrevista concedida em 09 de fevereiro de 2025); Geraldo Jerônimo Júnior, repórter, atuante no veículo há dois anos (entrevista concedida em 10 de fevereiro de 2025); e Sandra Paula Veras Amorim Costa, repórter e produtora, com passagem pelo veículo de 2001 a 2006, 2010 a 2012 e 2024 até os dias atuais (entrevista concedida em 10 de fevereiro de 2025).

O contrato de trabalho de todos estes jornalistas corresponde a uma atuação de seis horas por dia com a possibilidade de uma hora extra, de segunda-feira a sexta-feira e nos finais de semana com escala previamente marcada. Além disso, durante o trabalho executado em um mês, eles também têm direito a pelo menos um final de semana completo de folga.

A partir da aplicação de tal exposto metodológico para estes foi possível observar que a rotina dos jornalistas do JPB2 é revelada através de uma coexistência complexa entre dois espaços simbólicos: o lugar antropológico e o não-lugar. Enquanto o primeiro, segundo Augé (1994), é marcado por relações estáveis, identidades compartilhadas e interações sociais presenciais, o segundo representa uma configuração transitória, marcada por anonimato, solidão e mediações tecnológicas. No cotidiano profissional destes jornalistas, as fronteiras entre estas duas esferas se mostram constantemente atravessadas e entrelaçadas.

²⁴ “Jornalista que elabora a edição final de uma matéria, responsável pelo texto e imagem.” (Paternostro, 2006, p. 203).

²⁵ “Operador técnico que monta as imagens da reportagem seguindo roteiro prévio estabelecido com o editor de texto.” (Paternostro, 2006, p. 202).

²⁶ “Jornalista que cria a pauta. É ele quem, ao ler diariamente os jornais, toma conhecimento dos fatos que estão para acontecer, ou que estão acontecendo, levanta temas e assuntos que podem render matérias.” (Paternostro, 2006, p. 213).

²⁷ “Repórter que produz, grava imagens, faz entrevista, conta a história, e edita a sua própria reportagem. Ele conduz seu trabalho de acordo com os padrões éticos, absorvendo funções e introduzindo uma nova linguagem jornalística, com enfoque bastante pessoal. Pode ser uma opção para correspondentes internacionais, emissoras locais ou projetos experimentais.” (Paternostro, 2006, p. 225).

²⁸ “Jornalista que apura e redige informações. Em telejornalismo, ele faz parte da equipe de reportagem ao lado do repórter cinematográfico e dos técnicos que operam a UPJ — Unidade Portátil de Jornalismo.” (Paternostro, 2006, p. 217).

Neste sentido, há situações em que o jornalista participa de reuniões presenciais na redação (lugar antropológico), mas logo em seguida realiza entrevistas por vídeo, grava passagens²⁹ sozinho com o celular ou compartilha conteúdos com a equipe via aplicativos de mensagens (não-lugares). Trata-se, portanto, de uma estrutura que remodela a lógica produtiva atual, onde o exercício jornalístico se dá, muitas vezes, em territórios híbridos em que o físico e o digital convergem entre si. Além disso, estes compreendem que o jornalismo ainda se anora em espaços coletivos e materiais, mas que já opera, de forma intensa, nas dinâmicas fluidas e individualizadas da supermodernidade. É o que foi relatado por Carlos Siqueira e Hélio Andrade, como pode ser visto nos trechos de entrevista semiestruturada destacados abaixo (Quadro 1).

Quadro 1 - Experiências híbridas: narrativas sobre a convivência entre o físico e o digital no fazer jornalístico

Profissional	Trecho da entrevista
Carlos Siqueira, coordenador de Jornalismo do Grupo Paraíba de Comunicação em Campina Grande, chefe de reportagem da TV Paraíba e apresentador do JPB2.	“O presencial ainda é o mais forte da nossa redação. Eu não troco presencial por qualquer outra conversa. A gente sempre faz as nossas reuniões de pauta ³⁰ e se todos não estiverem presentes, a gente faz a famosa chamada de vídeo. [...] Querendo ou não, o nosso contato com o público não é só na hora da exibição do jornal. Temos o nosso WhatsApp e recebemos muito conteúdo do público através deste canal. Analisamos o que chega e, muitas vezes, mandamos para a ilha de edição ³¹ . [...] Então, nossa comunicação com a gente mesmo e com eles [o público] é muito acessível por conta do material tecnológico que temos, por conta do celular, enfim”. (Entrevista realizada em 17/12/2024).
Hélio Andrade, produtor e editor de texto do JPB2.	“Hoje a tecnologia permite uma comunicação mais constante. No meio do trabalho de produção mantemos contato com a equipe que fica em João Pessoa, na TV Cabo Branco ³² ,

²⁹ “Gravação feita pelo repórter no local do acontecimento, com informações, para ser usada no meio da matéria. A passagem reforça a presença do repórter no assunto que ele está cobrindo e, portanto, deve ser gravada no desenrolar do acontecimento. O repórter pode fazer uma passagem ao lado do entrevistado, já encaminhando para a entrevista, ou pode fazer uma passagem ligando um tema e outro da mesma matéria. A passagem do repórter nunca deve ser mais importante do que a notícia, como, por exemplo, o repórter gravar a passagem em primeiríssimo plano, enquanto o Papa desce as escadas do avião, ao fundo.” (Paternostro, 2006, p. 213).

³⁰ “Os produtores e editores discutem e selecionam os temas das reportagens do dia seguinte. É o ponto de partida para o planejamento do telejornal.” (Paternostro, 2006, p. 217).

³¹ “Sala onde estão os equipamentos para a edição de uma reportagem em VT.” (Paternostro, 2006 p. 206).

³² TV afiliada à Rede Globo em João Pessoa/PB e que realiza, diariamente, um trabalho colaborativo com a TV Paraíba, em Campina Grande/PB. Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/tvcabobranc/>.

	para vermos se algo produzido lá pode ser replicado aqui e vice-versa. Enquanto essa comunicação acontece, aqui na redação, com a equipe da TV Paraíba, vamos nos alinhando para dar seguimento ao jornal local. Essa comunicação aqui também acontece da mesma forma. Às vezes à distância mesmo, pelo celular, e às vezes lado a lado antes do repórter sair para cobrir algo, por exemplo". (Entrevista realizada em 28/01/2025).
--	--

Fonte: Elaboração Própria

No cenário investigado, a atuação jornalística dos profissionais do JPB2 evidencia uma dinâmica majoritariamente marcada pela presença constante em não-lugares, conceito também desenvolvido por Marc Augé (1994), para designar espaços transitórios e desterritorializados. Assim, embora o jornal continue sendo produzido de forma coletiva e com momentos de presença física na redação, as entrevistas revelam que as interações corporativas são, em grande medida, através de dispositivos digitais, o que torna-as predominantemente remotas. Essa realidade é reflexo da chamada “supermodernidade” que, segundo o Augé (1994, p. 74), é a principal produtora dos não-lugares ao transformar antigas referências físicas em espaços virtuais de circulação de informação e de relações.

No ambiente de produção do telejornal da emissora, tal realidade é manifestada em práticas como reuniões por aplicativos de mensagens, edições colaborativas realizadas em nuvem, envio de conteúdos via *smartphones* e atuação em campo sem necessidade de retorno à redação. O jornalista, assim, opera em um espaço “dos outros sem a presença dos outros” onde a mediação tecnológica configura um cenário de aparente autonomia, mas também de solidão profissional e esvaziamento das trocas presenciais. Como afirma Augé, “o não-lugar é o espaço dos outros sem a presença dos outros, o espaço constituído em espetáculo” (Augé, 1994, p. 167), o que encontra eco nas vivências relatadas pelos profissionais do JPB2 como é demonstrado abaixo (Quadro 2):

Quadro 2 - “O espaço dos outros sem a presença dos outros”: relatos sobre o telejornalismo em não-lugares

Profissional	Trecho da entrevista
--------------	----------------------

Sandra Paula, repórter e produtora do JPB2.	<p>“Quando eu cheguei aqui na emissora, em 2001, a gente não tinha o WhatsApp. Hoje a gente faz tudo pelo WhatsApp como facilitador da comunicação. Então, o próprio aplicativo tem agilizado muito o trabalho jornalístico. Seja para a troca de mensagens, a marcação de matérias ou a informação que chega por lá [no WhatsApp]. Ao mesmo tempo, isso coloca a gente em um espaço de trabalho meio autônomo no sentido de presença física. Resolvemos tudo por estas plataformas, nosso trabalho hoje é muito digital, o que facilita no processo e ao mesmo tempo nos afasta.” (Entrevista realizada em 10/02/2025).</p>
Ademar Trigueiro, repórter do JPB2.	<p>“Nosso retorno³³ é através de um aplicativo de celular e eu utilizo ele para me comunicar com a redação. Antigamente nós não tínhamos essa e tantas outras tecnologias que favorecem a produção do nosso trabalho. Toda a nossa comunicação, quando saímos da TV, era muito mais complicada. Já houveram épocas em que era necessária a ligação por telefone, mas agora a gente tem um aplicativo onde eu falo com a produção ou com a equipe de jornalismo através deste aplicativo. Assim eu continuo trabalhando de onde estiver e eles de lá da redação, e nossa comunicação permanece disponível para a necessidade de qualquer alinhamento.” (Entrevista realizada em 03/02/2025).</p>
Geraldo Jerônimo, repórter do JPB2.	<p>“Um exemplo, eu estava de folga e recebi uma informação de uma prisão de um suspeito. Essa fonte³⁴ me passou a informação e pediu sigilo. Tudo aconteceu logo à noite, perto da exibição do jornal e durante a minha folga. Fiz o apuramento de tudo, dei os encaminhamentos e enviei para a equipe da TV, mesmo estando de folga. A equipe foi, fez ao vivo e deu tudo certo. Então, geralmente a gente faz esse trabalho pelo celular, fora do trabalho e fora do horário delimitado.” (Entrevista realizada em 10/02/2025).</p>

Fonte: Elaboração própria.

³³ Comunicação feita entre o repórter e os jornalistas que ficam na redação. Geralmente esse termo é utilizado para designar os momentos em que o repórter está se preparando para fazer um ao vivo e está ouvindo se comunicando com quem está na ilha de edição da TV.

³⁴ “Pessoa, organismo, documento ou instituição que transmite informações ao repórter para elaboração de uma notícia. A fonte de informação pode manter seu anonimato.” (Paterno, 2006, p. 205).

A emergência dos não-lugares no jornalismo atual não pode ser dissociada do avanço técnico e da reorganização produtiva promovida pelas tecnologias digitais. A transição de um modelo analógico para o digital contribuiu diretamente para o fortalecimento de uma lógica de trabalho mais autônoma, solitária e menos vinculada a espaços físicos e interações presenciais. Neste sentido, como apontam Sodré (1983) e Vizeu (2002), o progresso técnico da imprensa está intrinsecamente ligado ao desenvolvimento do capitalismo, sendo impulsionado por demandas de eficiência, rapidez e maximização do trabalho.

No caso específico da produção telejornalística do JPB2, essa realidade se aproxima da lógica do toyotismo, modelo produtivo que valoriza a multifuncionalidade da mão de obra, a flexibilização das tarefas e o uso intensivo da tecnologia para garantir produtividade contínua e adaptável. Equipamentos digitais de captação e edição — operados muitas vezes pelo próprio jornalista — permitem que o processo aconteça de forma fragmentada e descentralizada, marcando, assim, a virtualização das relações e a constituição de não-lugares como ambientes predominantes da prática jornalística atual. Sobre isso os entrevistados neste estudo relataram o seguinte (Quadro 3):

Quadro 3 - A engrenagem digital: vozes sobre autonomia, fragmentação e intensificação do trabalho jornalístico

Profissional	Trecho da entrevista
Carlos Siqueira, coordenador de Jornalismo do Grupo Paraíba de Comunicação em Campina Grande, chefe de reportagem da TV Paraíba e apresentador do JPB2.	“Aqui sempre se investiu em tecnologia. Usávamos o sistema <i>VHS</i> que logo depois passou para o <i>U-Matic</i> . De <i>U-Matic</i> passamos para a <i>Betacam</i> , um sistema muito mais desenvolvido, de Betacam para o digital. Antes, para fazer um ao vivo, vinha um caminhão de externa que se alinhava com o satélite, o satélite se alinhava com a TV, a TV dizia se o sinal estava ruim e só depois de alinhar tudo colocávamos o repórter no ar. Qual o equipamento hoje? Um <i>mochilink</i> ³⁵ que está no cinturão do cinegrafista. É um equipamento um pouquinho maior que o celular porque tem uma bateria e alguns já estão diminuindo. A

³⁵ Equipamento portátil que permite a transmissão de vídeo ao vivo de forma prática e eficiente. Ele combina diversas conexões de internet, como 4G, 5G, *Wi-Fi* e satélite para garantir uma transmissão estável e de alta qualidade, mesmo em locais com infraestrutura limitada. O mochilink é composto por uma mochila que abriga dados e um sistema de câmera que permite aos repórteres realizarem entradas ao vivo sem a necessidade de unidades móveis tradicionais. Disponível em:

<https://2live.com.br/mochilink-o-que-e/#:~:text=O%20termo%20%E2%80%9Cmochilink%E2%80%9D%20pode%20parecer,%2C%20Wi%2DFi%20e%20sat%C3%A9lite.>

	<p>tecnologia daqui a pouco faz só um chip dele. Então, hoje, em termos de tecnologia, nós estamos muito avançados se compararmos lá atrás quando a gente tinha muita dificuldade tecnológica. Hoje a tecnologia está ao nosso lado." (Entrevista realizada em 17/12/2024).</p>
<p>Artur Lira, repórter do JPB2.</p>	<p>"Lá na TV a gente usa um equipamento da <i>Triercom</i>. Inclusive, minha entrada ao vivo é cortada por ele. Tem também um que chegou agora, o <i>LiveU</i>, que é um sistema de transmissão <i>streaming</i>. Aí esse eu posso tanto ter o retorno pelo equipamento, como eu posso ter o retorno pela ligação de celular. Tendo internet a qualidade do áudio é perfeita em relação a ligação. Então, quando estou ao vivo, eu escuto melhor o jornal, eu escuto melhor o apresentador, mas se não tiver internet não funciona. [...] Recentemente eu fui fazer uma reportagem no sítio Baixa Verde, que fica em Queimadas. Lá o telefone não pegava, mas tinha uma casa que tinha um <i>Wi-Fi</i> de um de um agricultor. Então, eu peguei o <i>Wi-Fi</i> do agricultor e ali eu consegui tanto mandar o sinal da imagem, como também conseguir fazer minha conexão. Porque até se fosse por ligação, ali não pegaria. Então, assim, são as mudanças que a gente vai vendo." (Entrevista realizada em 09/02/2025).</p>
<p>Lídice Pegado, produtora e vídeo-repórter do JPB2.</p>	<p>"A gente acaba usando muito o <i>WhatsApp</i>, por exemplo. Quando eu estou na videorreportagem, eu entro ao vivo pelo meu celular através de um aplicativo que gera o sinal para cá e eles conseguem colocar no transmissor. É o mesmo aplicativo usado nos <i>mochilinks</i> dos arquivos de reportagem. [...] E aí tem esse aplicativo que o Artur falou, que é o aplicativo da comunicação, porque antes, quando a gente ia entrar ao vivo, a produção ligava pra gente, transferia o nosso sinal pro <i>play-out</i>³⁶, e era lá no <i>play-out</i> que a edição se comunicava com a gente. Agora elas se comunicam conosco pelo <i>play-out</i>, mas a ligação é feita via aplicativo. Então, a gente conecta o aplicativo e tanto a gente consegue falar, como a gente consegue ouvir o editor." (Entrevista realizada em 15/01/2025).</p>

Fonte: Elaboração própria.

Diante da virtualização progressiva das rotinas produtivas e da expansão dos não-lugares, evidencia-se que o fazer jornalístico está inserido em uma lógica

³⁶ "Uma espécie de VT virtual pelo qual as matérias alinhadas no play list são disparadas uma a uma conforme o apresentador lê. Usado no sistema digital." (Paternostro, 2006, p. 214).

tipicamente pós-industrial (Anderson, 2013). Neste cenário, os equipamentos digitais não apenas viabilizam a execução das tarefas como também se tornam elementos centrais e indispensáveis à produção cotidiana do jornal.

No contexto do JPB2, esta realidade é marcada da seguinte forma: ao mesmo tempo em que a digitalização oferece agilidade, conectividade e mobilidade, ela, também, impõe ao profissional um constante processo de adaptação, o que resulta em acúmulo de funções, sobrecarga e uma rotina marcada pela velocidade e flexibilidade. Castells (2003) já advertia que tais transformações poderiam ser interpretadas como desdobramentos naturais das dinâmicas do capitalismo informacional. Quase duas décadas depois, Antunes (2020) reforça que este cenário tende a se intensificar com a consolidação da chamada indústria 4.0, pautada na automação e em tecnologias como *big data*, inteligência artificial, computação em nuvem e outras ferramentas digitais. Na prática do telejornalismo local, tais dinâmicas convergem em uma produção cada vez mais descentralizada, tecnicamente intensiva e sustentada por uma lógica de alta performance, cujas implicações são explicitadas com as falas dos seguintes entrevistados (Quadro 4):

Quadro 4 - “Tudo ao mesmo tempo, o tempo todo”: relatos sobre intensificação, adaptação e desgaste na era digital

Profissional	Trecho da entrevista
Ana Sousa, editora de texto e editora de imagens do JPB2.	“A gente nunca teve escolha, sempre tínhamos que nos adaptar às novidades. Algumas coisas realmente nos ajudam muito, mas ao mesmo tempo acabam sobrecarregando a gente, principalmente pelo fato de termos que nos adaptar. Então, além do que já fazíamos, temos que arrumar tempo para adaptação e também dominar tudo rápido. Então aumenta também essa produtividade, mas também sentimos aquela sensação de que a gente não consegue dar conta de tudo e a gente realmente não vai conseguir. [...] É uma avalanche de informação se atualizando todos os dias, então a gente tem que ver o que é que realmente é viável.” (Entrevista realizada em 09/01/2025).
Ademar Trigueiro, repórter do JPB2.	“Eu acredito que tudo isso aumenta consideravelmente a minha produtividade. Facilita acesso mais livre no conteúdo em tempo real por se tratar de um aparelho muito portátil e que está na palma da mão, o celular. Então em alguns momentos eu preciso de uma checagem de informações ou me vem um

	estalo de algo que eu podia ter em forma adicional e que não estava na minha pauta, e eu consigo procurar em tempo real. Então isso aumenta consideravelmente a produtividade por essa ampla gama de possibilidades". (Entrevista realizada em 03/02/2025).
Lídice Pegado, produtora e vídeo-repórter do JPB2.	"O celular é um equipamento nosso, a gente está o tempo inteiro conectado e a gente acaba trabalhando o tempo inteiro. A gente está o tempo inteiro consumindo notícias, a gente está o tempo inteiro consumindo a concorrência e a gente está o tempo inteiro querendo se envolver porque a gente sabe que aquele assunto é pertinente pro jornal, entendeu? Então assim, eu acho que ajuda muito, principalmente o celular, isso é indiscutível. Mas se a gente não tiver cuidado, vamos ficar paranoicos e vivendo de notícia." (Entrevista realizada em 15/01/2025).

Fonte: Elaboração própria.

A virtualização das rotinas produtivas, cada vez mais naturalizada no ambiente das redações, tem impulsionado os profissionais a conviverem com uma lógica de constante adaptação ao novo. Neste contexto, emerge com força o modelo das redações integradas. Este paradigma diz respeito a uma configuração que reflete diretamente a lógica da convergência midiática proposta por Jenkins (2015). A integração dos veículos, além de racionalizar os fluxos produtivos, permite que a mesma informação seja articulada e expandida por diferentes mídias, cada uma com suas particularidades narrativas e técnicas. No Grupo Paraíba de Comunicação, este modelo se materializa fisicamente na cidade de Campina Grande onde a TV Paraíba, portal g1 Campina Grande, ge (Globo Esporte), Jornal da Paraíba e a rádio CBN Campina Grande compartilham o mesmo espaço físico. Essa proximidade facilita a circulação de pautas, a cooperação entre as equipes e a ampliação do alcance das notícias.

Na prática cotidiana do JPB2, essa integração se traduz em uma produção colaborativa e simultaneamente multiplataforma em que repórteres, produtores, editores e técnicos também atuam de forma interdependente para alimentar os diversos canais informativos do grupo para promover uma narrativa complementar e articulada entre TV, rádio e internet (Quadro 5).

Quadro 5 – Um jornalismo em rede: depoimentos sobre colaboração e articulação entre múltiplas plataformas

Profissional	Trecho da entrevista
Carlos Siqueira, coordenador de Jornalismo do Grupo Paraíba de Comunicação em Campina Grande, chefe de reportagem da TV Paraíba e apresentador do JPB2.	“Temos aqui implantado a primeira redação integrada e convergente da Paraíba. Temos TV, web e rádio. Nós temos o g1, globoesporte.com, Jornal da Paraíba e a rádio CBN, além da nossa TV. Tudo num ambiente só escutando a mesma apuração e dividindo o mesmo conteúdo. Antigamente como era? Tudo separado. A rádio funcionava num lugar, o g1 era em outro canto, o Jornal da Paraíba era lá no Centro de Campina Grande. Fizemos a convergência quando ninguém falava em convergência. Então são processos que passamos ao longo dos anos e que nos permitem hoje pegar a tecnologia disponível no mercado e produzir um melhor conteúdo para as pessoas.” (Entrevista realizada em 17/12/2024).
Hélio Andrade, produtor e editor de imagens do JPB2.	“Neste modelo de redação integrada que a gente vive acontece muito de eu ir atrás de uma fonte e o produtor do g1 ir atrás de outra. Também acontece de cada produtor de cada veículo ter uma informação e, juntos, completamos tudo e aceleramos nossa produção. Mas no meio deste processo o que também acontece, quando precisa, é fazermos produção para o nosso e para o outro veículo.” (Entrevista realizada em 28/01/2025).

Fonte: Elaboração própria.

Ainda neste contexto das redações convergentes, é evidenciada uma rotina de trabalho cada vez mais moldada por dinâmicas flexíveis nas quais o exercício jornalístico assume um caráter multiplataforma, cooperativo e colaborativo (Deuze, 2004). Os profissionais deixam de atuar de forma segmentada para cumprir funções que dialogam simultaneamente com diferentes mídias, operando sob a lógica do *cross-media* e do transmídia em que o conteúdo é pensado para circular e se complementar em distintos canais (Micó et al., 2009). Essa engrenagem produtiva, ainda que moderna e eficiente sob a ótica da distribuição da informação, impõe uma lógica contínua e acelerada de trabalho. Neste sentido, o conceito de “roda do hamster” (Starkman, 2010) torna-se pertinente para descrever a sensação de movimento incessante em que jornalistas se veem tendenciosos a acompanhar,

sem pausas, para cumprir as exigências de produção para múltiplas plataformas. Sendo assim, este é um cenário em que a aceitação da flexibilidade é uma necessidade imposta pelas transformações do ambiente midiático contemporâneo e que é possível encontrar na produção do JPB2, como apontam as falas dos entrevistados abaixo (Quadro 6).

Quadro 6 – Na roda do hamster: vivências sobre ritmo, versatilidade e exaustão nas redações integradas

Profissional	Trecho da entrevista
Carlos Siqueira, coordenador de Jornalismo do Grupo Paraíba de Comunicação em Campina Grande, chefe de reportagem da TV Paraíba e apresentador do JPB2.	“Mas sabe o que eu faço em uma equipe integrada de multiplataforma? Eu pego a habilidade de quem está na web e que domina bem para aprender com quem está na rádio. Quem domina o rádio, colocamos para compartilhar conhecimento com quem está na TV. A partir disso tudo, temos uma equipe eclética e reunida. Um ajuda o outro e, quando necessário, entra em atuação em espaços diferentes. A sabedoria e a liderança estão intimamente ligadas em você reconhecer um outro potencial, o que possibilita o enriquecimento coletivo.” (Entrevista realizada em 17/12/2024).
Sandra Paula, repórter e produtora do JPB2.	“Convergências de mídia é um termo muito bonito, mas isso na prática é uma sobrecarga para todos nós. Não tem para onde correr, é uma sobrecarga. Sim, a gente vive no sistema capitalista. Então o empresariado quer exatamente isso, menos gastos e mais lucro. Isso seria uma questão da nossa empresa? Não! Isso você vai encontrar no Brasil e no mundo.” (Entrevista realizada em 10/02/2025).
Ademar Trigueiro, repórter do JPB2.	“Então, por exemplo, já é muito comum que o repórter que entra às 5h faça uma entrada na rádio CBN por volta de 9h. Essa entrada, a depender do que for, ela pode ser no estúdio, mais tranquilo, mais controlado. Mas a depender da necessidade e do imediatismo do que estiver acontecendo, ela pode ser feita externamente. E a notícia vai chegar em tempo real numa outra plataforma para uma mesma empresa. A gente sabe que são CNPJs diferentes e plataformas diferentes, nomes diferentes, mas a gente sabe que são co-irmãs. Um grupo similar, irmãs, digamos assim.” (Entrevista realizada em 03/02/2025).

Fonte: Elaboração própria.

Nesta realidade, mais uma tendência tem sido determinante nos processos de flexibilização trabalhista: a diminuição estrutural das redações, marcada pela concentração de funções em um número cada vez menor de profissionais. Dessa maneira, tal circunstância é totalmente ligada à lógica produtiva imposta pelo ecossistema capitalista digital. Em contextos como o do telejornal JPB2, analisado nesta pesquisa, observa-se que os jornalistas acumulam tarefas que extrapolam o fazer jornalístico tradicional e isso também se dá em decorrência da mudança na forma como os espectadores estão consumindo as notícias. Essa reconfiguração laboral é percebida pelos próprios profissionais como um reflexo de uma tendência mais ampla no jornalismo brasileiro, na qual as redações operam com equipes enxutas e exigências ampliadas (Quadro 7). Neste sentido, a sobrecarga e a multifuncionalidade tornam-se características estruturantes do fazer jornalístico, como aponta Costa (2014) ao dizer que “a lista daquilo que um jornalista pode fazer cresce diariamente, uma vez que a plasticidade de tecnologias de comunicação muda tanto recursos de apuração de fatos como a conduta do público” (Costa, 2014, p. 42).

Quadro 7 – “Todo mundo faz tudo”: percepções sobre a reconfiguração das funções e a redução das equipes

Profissional	Trecho da entrevista
Ana Sousa, editora de texto e editora de imagens do JPB2.	“Tem vezes que a gente não consegue dar conta de tudo. Por exemplo, já teve dias que eu presenciei na TV que estava meio que “acabando o mundo”. Era tanto acidente que a gente não conseguia checar tudo ao mesmo tempo. A gente tinha uma quantidade X de pessoas no plantão e humanamente não era possível estar falando com várias pessoas ao mesmo tempo para tentar saber ou tentar conseguir checar todos os fatos no mesmo momento para dar tudo no jornal, entende?” (Entrevista realizada em 09/01/2025).
Sandra Paula, repórter e produtora do JPB2.	“A gente tem uma demanda que talvez a gente precisasse de mais profissionais. Isso é uma realidade e, de fato, não é uma realidade apenas daqui [TV Paraíba]. A gente esbarra nessa questão de não ter como pagar uma folha

	<p>maior do que a atual. Então hoje a tendência na nossa profissão e em muitas outras é essa, trabalhar com menos e fazendo mais. Por isso que você vê de uma maneira geral os profissionais um pouco sobrecarregados.” (Entrevista realizada em 10/02/2025).</p>
Lídice Pegado, produtora e vídeo-repórter do JPB2.	<p>“Esse resumo cada vez maior de profissionais nas redações não é uma realidade só nossa, é uma realidade de vários grupos e emissoras. O perfil de consumo da notícia mudou. Então assim, eu conheço pessoas que ao invés de botar um comercial na TV, que custa R\$ 6.000,00 ou R\$ 7.000,00 reais por mês, elas preferem pagar R\$ 2.500,00 em rede social porque as pessoas estão passando muito mais tempo em <i>streaming</i> e rede social do que ouvir uma rádio ou assistir uma TV. Isso acaba diminuindo a rentabilidade das empresas, sabe? Eu acredito muito nisso. Então, eu acho que se a empresa tem uma queda no faturamento, ela não tem como manter uma equipe, cada um no seu quadrado, cada um na sua função. E aí sim, isso acaba nos obrigando a nos submetermos a uma situação de acúmulo de função, onde a gente não recebe o valor justo por aquilo que a gente faz. Fica tudo mais corrido, a gente não dá conta das marcações, mas a gente consegue lidar.” (Entrevista realizada em 15/01/2025).</p>

Fonte: Elaboração própria.

Diante das transformações no ambiente produtivo jornalístico e da sobrecarga operacional evidenciada nas falas dos profissionais do JPB2, torna-se necessário compreender os perfis emergentes que se moldam a este novo cenário de atuação. Neste ecossistema comunicacional cada vez mais dinâmico, no qual a integração de plataformas e a fluidez entre funções são constantes, as redações passam a demandar profissionais com competências ampliadas e que se adaptem às necessidades capitalistas digitais. Salaverría (2008) destaca que as redações integradas operam mediante às novas estratégias que exigem relações intersetoriais e novos modos de apuração e cobertura, o que implica na formação de perfis que se distanciam do jornalista tradicional e se aproxima de figuras como jornalista multiplataforma (Canavilhas, 2013); jornalista multitarefa (Prado, 2011) e jornalista flexitempo (Sennett, 2009; Oliveira et al, 2021). No caso do JPB2, estas categorizações são observadas a partir das manifestações experienciadas no dia a dia laboral dos entrevistados que relataram desempenhar atividades técnicas e editoriais em diversos suportes, como na TV Paraíba e em suas redes sociais, no g1

e nos aplicativos e meios desenvolvidos pela empresa para tornar as mensagens cada vez mais instantâneas.

Entre os perfis emergentes que se destacam no contexto da redação integrada analisada, começaremos com as exemplificações do “jornalista multitarefa”. Este profissional é caracterizado pela capacidade de executar múltiplas funções dentro da rotina de produção jornalística, além de transitar com desenvoltura entre atividades técnicas operacionais e editoriais. Prado (2011) observa que “a nova geração sabe manusear várias mídias ao mesmo tempo. É jornalista-radialista digitalizado, cinegrafista e fotógrafo” (Prado, 2011, p. 3), ressaltando que a versatilidade se tornou um critério essencial nas avaliações de emprego em que se exige do jornalista habilidades que vão desde a criação de conteúdos digitais até o domínio de locução, edição, filmagem entre outras. Tal perfil se mostra intensamente presente nas falas dos jornalistas do JPB2 que relataram sobre a necessidade de, por vezes, transitar entre várias funções e, assim, estar ativamente presentes na construção técnica e estética do jornal (Quadro 8).

Quadro 8 – Multitarefas e multifunções: relatos sobre a versatilidade exigida no jornalismo diário

Profissional	Trecho da entrevista
Ana Sousa, editora de texto e editora de imagens do JPB2.	“Eu acho que é imprescindível a gente saber ou tentar aprender de tudo um pouco porque o jornalismo é como um efeito dominó. Eu enquanto editora eu tinha que saber também de tudo um pouco, de cada processo, porque o produto final passava por mim. [...] Como temos escalas de plantão, então tinha escala que, às vezes, eu estava na edição e também na produção. Então eu tinha que estar por dentro de cada detalhe. E hoje em dia não tem como a gente imaginar um profissional que tem apenas uma função, tem apenas um conhecimento. Ele precisa estar atento a todos os detalhes. A gente foi se adaptando ao processo e isso acaba trazendo mais funções para o jornalista.” (Entrevista realizada em 09/01/2025).
Hélio Andrade, produtor e editor de texto do JPB2.	“É difícil encontrar uma situação tão normal. Todo mundo já trabalha dobrado. Principalmente quando temos muitas demandas é muito comum que eu acabe fazendo várias funções. Eu nunca sou somente produtor ou somente editor. Muitas vezes eu sou produtor, editor e o que mais for necessário. O jornal tem

	que ir para o ar de um jeito ou de outro.” (Entrevista realizada em 28/01/2025).
Lídice Pegado, produtora e vídeo-repórter do JPB2.	“Eu fui a primeira estagiária que foi contratada com essa proposta de ser multitarefa e a primeira jornalista contratada também essa proposta de videorreportagem. Sou aquela profissional que faz de tudo, que faz a edição, que faz a produção, que faz a reportagem [...]. A gente acaba, tipo assim, normalizando o acúmulo de função e a gente acaba naturalizando fazer mais de uma coisa ao mesmo tempo. Somos formatados a esse perfil e eu acho que a gente acaba naturalizando tem que ser assim. As empresas hoje em dia querem ter menos custos, querem ter uma pessoa que já faz tudo, que resolve tudo. Eu acredito que como eu sou uma profissional já formatada nessa nova geração, tudo isso se torna natural.” (Entrevista realizada em 15/01/2025).

Fonte: Elaboração própria.

Não obstante, ressaltamos que a expansão do perfil multitarefa no jornalismo televisivo tem encontrado na figura do vídeo-repórter uma de suas manifestações mais emblemáticas. Embora ainda não institucionalizado de forma plena em muitas emissoras, o exercício dessa função já começa a ser incentivado como tendência entre os profissionais da reportagem da TV Paraíba.

No caso do JPB2, por exemplo, apenas uma jornalista exerce oficialmente o papel de vídeo-repórter, mas há um movimento interno de estímulo à adoção deste modelo por outros repórteres, especialmente diante das pressões por agilidade, economia de recursos e adaptação às dinâmicas do jornalismo digital. O vídeo-repórter acumula as funções de repórter e cinegrafista³⁷, e, assim, realiza entrevistas ao mesmo tempo em que maneja o enquadramento³⁸, o foco³⁹ e a captação audiovisual com o próprio celular e com o apoio de um tripé⁴⁰. As passagens, marca registrada do jornalismo televisivo, também são produzidas de maneira autônoma. Para isto, o profissional posiciona o celular no tripé, define o melhor ângulo e grava a si mesmo muitas vezes em locais públicos e sob condições

³⁷ Profissional que trabalha com a captação de imagens.

³⁸ “O que aparece na cena, o que está sendo focalizado pela câmera do cinegrafista.” (Paternostro, 2006, p. 203).

³⁹ “Cada um dos quadros que compõem a imagem.” (Paternostro, 2006, p. 205).

⁴⁰ “Equipamento no qual se fixa a câmera em um ponto predeterminado para a imagem que vai ser captada ter mais estabilidade. O tripé é muito usado quando a reportagem é feita em exposição de quadros, por exemplo.” (Paternostro, 2006, p. 223).

técnicas improvisadas. Essa lógica de produção reforça a centralidade do dispositivo móvel e acentua os contornos de “reconfiguração da produção jornalística devido à dinâmica imprimida às rotinas de produção dos repórteres em campo que elevou o trabalho à condição multitarefa [...]” (Silva, 2015, p. 10), como pode ser observado nos depoimentos abaixo (Quadro 9).

Quadro 9 – Vozes em campo: experiências e desafios do vídeo-repórter multitarefa na TV Paraíba

Profissional	Trecho da entrevista
Ademar Trigueiro, repórter do JPB2.	<p>Por exemplo, no jornalismo esportivo, se eu vou acompanhar um treino de um time, vou passar a tarde ali acompanhando aquele treino, a coletiva [de imprensa⁴¹], vou ver o que foi feito, etc. Nestas situações, já fui instigado a entrar ao vivo como vídeo-repórter, ou até mesmo gravar um stand-up⁴² para relatar o que aconteceu. Já houveram outras situações em que houve possibilidade de realizar cobertura sozinho e que fui como vídeo-repórter. Outros colegas também estão sendo estimulados a assumir essa função. Não é sempre que vamos sair para coberturas sozinhos, são sempre em momentos pontuais. Porém, eu acho que muito em breve todos os repórteres também vão estar fazendo videorreportagem. (Entrevista realizada em 03/02/2025).</p>
Lídice Pegado, produtora e vídeo-repórter do JPB2.	<p>Eu exerço várias funções e sempre estou à disposição de Siqueira para ser remanejada a partir das demandas. Mas no normal, quando todas as equipes estão completas, eu atuo como vídeo-repórter, reportagem com celular. Muitas vezes me puto sozinha mesmo. Isso acontece porque a gente tem um cuidado aqui [na TV Paraíba] de pautar o vídeo-repórter para matérias mais simples, sabe? Como conseguir ir sozinha captar as imagens e as entrevistas porque não dá para ser reportagens muito complexas, nem em locais muito movimentados, com pouco controle. Normalmente são vídeos controlados, mais factuais⁴³. Uma entrevista com o delegado, com o governo, a gente consegue fazer com o</p>

⁴¹ “Repórteres de jornais, rádios e TVs participam da mesma entrevista com uma personalidade ou autoridade.” (Paternostro, 2006, p. 203).

⁴² “Quando o repórter faz uma gravação no local do acontecimento para transmitir informações do fato. Normalmente, ele está de pé, em primeiro plano, e permanece no vídeo durante todo o boletim ou flash. É usado na TV, quando a notícia que o repórter tem para informar é tão importante que, mesmo sem imagem, vale a pena.” (Paternostro, 2006, p. 221). É um formato pré-gravado, muito semelhante à entrada ao vivo.

⁴³ Também são chamadas “pautas quentes”. Tratam a transmissão de acontecimentos urgentes e/ou de grande interesse público. Além disso, são sempre reportadas com o máximo de detalhes e muitas vezes ao vivo.

	celular. Na função de vídeo-repórter, eu fico ali entre produção e a reportagem. (Entrevista realizada em 15/01/2025).
--	--

Fonte: Elaboração própria.

Outro perfil profissional que ganha protagonismo no cenário do jornalismo atual, e mais precisamente na produção do JPB2, é o do jornalista multiplataforma (Canavilhas, 2013) — também conceituado como jornalista polivalente (Salaverría; Negredo, 2008) ou convergente (Jenkins, 2015) — . Sua atuação se caracteriza pela capacidade de articular e adaptar conteúdos jornalísticos para diferentes canais de comunicação, bem como integrar linguagens e formatos diversos de maneira complementar.

Canavilhas e Rodrigues (2017) destacam que este profissional é responsável por executar a chamada narrativa transmídia em que a notícia é narrada em múltiplos meios (televisão, rádio, internet), sendo, cada deles, parte de uma estrutura informativa mais ampla onde as publicações em um canal complementam as de outro. A emergência deste perfil se relaciona diretamente com a evolução tecnológica e a digitalização das rotinas produtivas, especialmente com o uso intensivo de dispositivos móveis (Silva, 2015). Neste sentido, Jenkins (2015) reforça que a prática jornalística se expande para qualquer lugar e a qualquer hora, sendo possível graças a ferramentas como o *smartphone* que permite ao jornalista distribuir informação de maneira simultânea em múltiplas plataformas. Essa lógica de atuação se faz presente entre os jornalistas do JPB2, que relataram suas experiências cotidianas de adaptação de conteúdos televisivos, que consolidam o perfil multiplataforma como um elemento estruturante nas suas práticas profissionais (Quadro 10).

Quadro 10 – Narrativas em movimento: depoimentos sobre a adaptação e circulação de conteúdos em múltiplas plataformas

Profissional	Trecho da entrevista
Geraldo Jerônimo, repórter do JPB2.	“É incentivado que sejamos multiplataforma. Estamos a todo tempo integrando nossos serviços para todas as empresas do mesmo grupo. Sempre faço as reportagens dos jornais,

	entradas ao vivo na CBN e, quando precisa, também presto conteúdos para o g1. Já virou uma tendência.” (Entrevista realizada em 10/02/2025).
Artur Lira, repórter do JPB2.	“Tem algumas situações que, por exemplo, um assunto que está repercutindo no mundo. Então pedem para que eu entre ao vivo na CBN. Às vezes faço isso por telefone ou, quando volto à emissora, entro no estúdio e faço a participação de lá mesmo. Também usando como estratégia, por exemplo, chamo a audiência para o JPB2. Sempre solto um “conto com mais detalhes no JPB2” ou então “durante o JPB2 vou estar ao vivo no local para trazer mais informações”. No g1, em alguns casos, por exemplo, acontece de me pedirem para tirar fotos com o meu celular para ilustrar a matéria que vai para o portal. Então esse jornalismo multiplataforma, ele acelerou muito o processo de apuração e de integração destas informações.” (Entrevista realizada em 09/02/2025).
Lídice Pegado, produtora e vídeo-repórter do JPB2.	“Quando estou produzindo para o JPB2, sempre fico também no g1 e fazendo o giro de notícias da rádio CBN. Para a CBN já aconteceu de, por exemplo, eu ir para um factual e o pessoal mandar uma mensagem: “Ei, se eu te ligar, tu consegue entrar com o boletim de notícias?” ⁴⁴ . Também acontece de, em um factual, eu estar muitas vezes gravando com o microfone e com o meu celular para depois poder mandar para o pessoal do g1 ou da CBN.” (Entrevista realizada em 15/01/2025).

Fonte: Elaboração própria.

A atuação multiplataforma dos jornalistas do JPB2 também se expressa na adaptação e produção contínua de conteúdos voltados para múltiplas telas. Este processo redefine não apenas os formatos narrativos, mas também a lógica de circulação da informação no telejornalismo. Silva (2018) ressalta que televisão e tecnologia são hoje dimensões inseparáveis na construção do conteúdo jornalístico.

Assim, o telejornalismo atual passa a ser compreendido como uma prática expandida voltada à produção de conteúdos para e por telas de múltiplos formatos, como TVs, computadores, *tablets* e *smartphones*. Como destaca Emerim (2017), o telejornalismo envolve “os demais dispositivos e suportes (móveis ou não) que utilizem uma tela de visão ou uma tela refletiva para exibir, distribuir e compartilhar

⁴⁴ “Resumo de um fato gravado pelo próprio repórter no local do acontecimento, depois que ele checou as primeiras informações. Deu origem ao stand-up.” (Paternostro, 2006, p. 195).

dados" (Emerim, 2017, p. 117). No contexto do JPB2, os jornalistas lidam diariamente com essa realidade ao adaptar reportagens originalmente pensadas para a TV em conteúdos otimizados para redes sociais e plataformas digitais, o que torna possível a construção de narrativas que se desdobram e se completam entre as diferentes telas (Quadro 11).

Quadro 11 – Entre telas e formatos: relatos sobre a construção de narrativas para múltiplos dispositivos

Profissional	Trecho da entrevista
Artur Lira, repórter do JPB2.	<p>"Fomos aprendendo muitas técnicas de utilização do celular para a produção da notícia. À medida que tudo foi se modernizando, fomos acompanhando essa demanda. No mundo inteiro houve debates sobre o jornalismo produzido pelo <i>iPad</i> ou pelo <i>iPhone</i> e temos que ver o que pode nos ajudar, enquanto produção e enquanto venda da notícia. Hoje eu já penso como o celular pode me ajudar a produzir na reportagem e reverberação de outros conteúdos informativos. Hoje em dia a TV Paraíba tem perfil em rede social, por exemplo. Os conteúdos deste canal também são produzidos por nós. Muitas vezes é necessário fazermos algumas adaptações para chamar o público para nossa audiência." (Entrevista realizada em 09/02/2025).</p>
Lídice Pegado, produtora e vídeo-repórter do JPB2.	<p>"A gente hoje tem um estagiário voltado só para as redes sociais. E esse estagiário acaba conduzindo a gente da TV, da reportagem, a produzir material audiovisual também para as redes sociais. Eu fiz uma matéria sobre rapel. Ela saiu na TV com uns de sete a oito minutos de reportagem. Antes de eu ir, me veio a recomendação do estagiário "olha, pega teu celular e faz umas imagens na vertical para a gente usar nas redes sociais". Nisso, para rede social, eu montei um texto de um minuto e meio, fazendo um resumão do que seria a matéria de Pilões. Eu tive que pegar o mesmo trabalho e reconstruir em dois formatos completamente diferentes, entende? A gente não tem mais como desassociar uma coisa da outra." (Entrevista realizada em 15/01/2025).</p>

Fonte: Elaboração própria.

Neste cenário de disputas por atenção e engajamento, os telejornais têm sido desafiados a construir pontes mais diretas e interativas com seus espectadores. Por

isso, a produção de conteúdo jornalístico voltado para múltiplas telas não se limita apenas à diversificação de formatos e suportes, mas responde, também, a uma demanda crescente por aproximação com o público. Essa lógica comunicacional reorganiza a função social do telejornal que passa a se estruturar não apenas como canal de informação, mas como espaço de troca e de construção de vínculos com audiências ativas. Como afirma Becker (2018, p. 161), “o telejornalismo está desafiado a encorajar o engajamento e a participação do público em suas plataformas em dispositivos móveis, tornando a experiência de ver telejornais mais interativa, participativa e social”.

Oliveira et al. (2021) reforçam tal perspectiva ao destacarem que, “à medida que a tecnologia avança, o trabalho jornalístico é mudado para atender ao consumidor da informação que vive em constante mudança de gostos e necessidades” (Oliveira et al, 2021, p. 4). No contexto do JPB2, essa tentativa de aproximação com o público se destaca na adaptação do conteúdo para redes sociais, no uso de linguagem mais direta e acessível e na presença constante em plataformas digitais. Estas estratégias visam não só ampliar o alcance, mas fortalecer a relação com o público consumidor da notícia, como pode ser observado nos trechos das entrevistas semiestruturadas destacados no Quadro 12.

Quadro 12: Engajamento e interatividade: experiências e desafios na construção de relações com o público digital

Profissional	Trecho da entrevista
Sandra Paula, repórter e produtora do JPB2.	“Tudo o que eu trago para as reportagens também é fruto do que eu vejo e já vi na academia. Como tudo também já tem uma proposta inovadora e de aproximação com o público, eu sempre busco usar uma linguagem bem coloquial para ficar acessível para compreensão de todos. Fazer esse tipo de conteúdo também é necessário para trazermos ainda mais aproximação com o nosso público. Somos o jornal mais assistido da hora do jantar e nosso público está mudando constantemente. Para atender esse público, a gente precisa acompanhar as tendências dele e é isso que eu tento trazer nestes materiais também. Além disso, agora também temos a demanda das redes sociais. Todos os dias procuramos formas de atender a demanda do público que está lá, do público que é mais novo e que precisa se sentir atraído pelo nosso jornal.” (Entrevista realizada em 10/02/2025).

Ana Sousa, editora de texto e editora de imagens do JPB2.	<p>“A implementação do digital nos aproximou ainda mais do público. As pessoas se sentem parte do jornal. Elas não são apenas consumidoras, elas são também produtoras de conteúdo e nos ajudam na construção da notícia que vai para TV e que adaptamos para o sair no digital. Então por isso que, por exemplo, a gente vê hoje em dia o apresentador do jornal soltando um “manda sua mensagem”, “manda foto do que está acontecendo aí no seu bairro”. Então abriu um leque ainda maior deste contato, dessa interação com o público.” (Entrevista realizada em 09/01/2025).</p>
Hélio Andrade, produtor e editor de texto do JPB2.	<p>“Com essa mudança neste perfil de consumo da notícia, o nosso perfil profissional também tem que mudar e tem que acompanhar estas mudanças. Se a gente não se apropriar destas mudanças e não tiver um pouco de linguagem da web, não tiver um pouco de linguagem das redes sociais, um pouco de linguagem da rádio, a gente acaba ficando muito limitado para o público que a gente quer alcançar, e isso não é interessante.” (Entrevista realizada em 28/01/2025).</p>

Fonte: Elaboração própria.

Entre todos os perfis profissionais emergentes no jornalismo atual, o jornalista flexitempo se sobressai como uma categoria ainda pouco explorada nos estudos da área, mas cuja presença tem se tornado cada vez mais evidente nas práticas cotidianas das redações. O conceito de flexitempo, cunhado por Sennett (2009), descreve o trabalhador que, devido à intermediação tecnológica, passa a atuar sob uma lógica de tempo fragmentado com fronteiras cada vez mais borradas entre o trabalho e a vida pessoal. No jornalismo, essa condição é encontrada de forma intensa sobretudo em redações que operam sob modelos produtivos enxutos e com alta dependência de tecnologias móveis, como é o caso do JPB2.

O que se observa é que a conectividade constante imposta pelas ferramentas digitais — especialmente o celular — dá ao jornalista a sensação de autonomia e liberdade quando na verdade reforça dinâmicas de controle, disponibilidade permanente e reconfiguração do espaço-tempo laboral o que, consequentemente, abre brechas para o exercício em não-lugares (Augé, 1994). Nunes e Souza (2018) apontam que essa reorganização tecnológica reestrutura profundamente os ambientes de trabalho e exige dos profissionais uma readaptação contínua a um cenário onde o tempo de descanso, a mobilidade e a entrega de conteúdo se

fundem.

No campo dos estudos em jornalismo, a incorporação do conceito de flexitempo ainda é incipiente, o que torna relevante e urgente refletir sobre como essa realidade se concretiza na experiência vivida pelos jornalistas brasileiros. No caso dos profissionais do JPB2, suas falas evidenciam essa condição e demonstram como o uso constante de tecnologias os mantém vinculados ao trabalho, mesmo fora da jornada formal, em uma lógica de presença ininterrupta (Quadro 13).

Quadro 13 – Tempo fragmentado: relatos sobre a presença contínua e a tensão entre vida pessoal e profissional

Profissional	Trecho da entrevista
Carlos Siqueira, coordenador de Jornalismo do Grupo Paraíba de Comunicação em Campina Grande, chefe de reportagem da TV Paraíba e apresentador do JPB2.	“O JPB2 acaba às 19h45. Antes de sair da redação, eu já vou conversando com a equipe que está lá sobre o que iremos trazer no dia seguinte. Alinhamos quais temáticas merecem ser atualizadas no outro dia. Saio do estúdio já pensando em tudo, no caminho de volta pra casa e até nos momentos de descanso. Antes de dormir, dou aquela olhada no celular para ver se saiu alguma coisa. É uma rotina que nunca acaba. Então, jornalista, não tem dia, não tem hora, não tem feriado, não tem dia santo. Tem as folgas regulamentares que a gente tem, dadas por lei também, claro.” (Entrevista realizada em 17/12/2024).
Hélio Andrade, produtor e editor de texto do JPB2.	“Os domingos são dias que não temos jornal, mas estamos em casa ou em momentos de lazer e ao mesmo tempo conectados. Quando não estamos escalados para trabalhar no domingo, ficamos de folga e ao mesmo tempo não ficamos. O jornal no outro dia precisa ir para o ar e quem vai produzir tudo? Nós, os produtores. Então estamos o tempo todo pensando nessa produção. Não tem como se separar disso. É uma sensação que a produção nunca acaba.” (Entrevista realizada em 28/01/2025).
Lídice Pegado, produtora e vídeo-repórter do JPB2.	“Já houve uma situação em que eu estava de folga e trabalhei não estando dentro da redação. Estava dirigindo e vi uma movimentação com uns sete carros da polícia e uma ambulância do SAMU. Parei, fiz imagens pelo celular, fui falar com o policial para saber o que era, mandei tudo no grupo da TV. Então assim, a gente tem muito feeling, sabe? Às vezes é tipo assim, é uma ambulância que passa, é um carro da polícia com a sirene ligada, é uma fumaça estranha que vemos de longe, enfim. Tem situações que a

	gente não consegue ignorar na rua." (Entrevista realizada em 15/01/2025).
--	---

Fonte: Elaboração própria.

Dentro da lógica do jornalista flexitempo, uma das expressões mais marcantes — e, segundo alguns autores, a mais crítica — é a adoção do teletrabalho como parte integrante das rotinas jornalísticas. Este modelo de atuação, que permite a realização das atividades diretamente de casa ou de qualquer outro ambiente externo à redação, representa o que Sennett (2009) classifica como “o pior dos flexitempos”. Isso porque, embora à primeira vista possa parecer uma alternativa mais confortável ou autônoma, o teletrabalho acentua ainda mais a desestruturação das fronteiras entre tempo pessoal e tempo profissional.

No contexto do jornalismo, especialmente em redações com estrutura reduzida e forte dependência tecnológica, o teletrabalho deixa de ser uma exceção e passa a compor a rotina. Os entrevistados relataram a prática de editar textos, revisar roteiros e até mesmo realizar entrevistas de forma remota, tudo isso por meio de dispositivos móveis conectados à internet, que reforçam a condição de disponibilidade contínua. Nessa dinâmica, a casa deixa de ser espaço de refúgio e passa a operar como uma extensão do ambiente de trabalho que amplia a sensação de sobrecarga e dissolve os limites que outrora organizavam a vida do profissional (Quadro 14). Essa realidade, embora naturalizada por muitos, reforça a urgência de se debater as implicações do flexitempo e do teletrabalho sobre a própria identidade profissional dos jornalistas.

Quadro 14 – Casa e redação: relatos sobre a expansão do trabalho jornalístico para o espaço doméstico

Profissional	Trecho da entrevista
Hélio Andrade, produtor e editor de texto do JPB2.	“Na função de produtor, estamos sempre buscando. Confesso que sim, sempre assumo minhas atividades fora do horário de trabalho também com o intuito de ter um domínio sobre minhas atividades. Chegando na redação, eu já teria que fazer o apuramento. Então vou me adiantando porque assim consigo manter um controle das atividades de produção do jornal.” (Entrevista realizada em 28/01/2025).

Ademar Trigueiro, repórter do JPB2.	<p>“Quando faço conteúdos que não são factuais e que tenho um tempo mais hábil para trabalhar nisso, acabo fazendo em casa, deitado na minha cama e algumas vezes antes de dormir. Creio que ano passado, a melhor reportagem que eu fiz foi fruto de um texto terminado em casa. Uma grande questão que enfatiza muito com que isso aconteça é porque não temos muito controle da nossa criatividade. Acho que como em casa é mais tranquilo, meu cérebro consegue pensar mais e me traz ótimas ideias para os meus textos. Fora isso, é muito comum que estando em casa eu acabe analisando possíveis cenários de cobertura ou, quando há necessidade de produção, fico ali de olho nas redes sociais para ver as pautas surgirem e isso é de qualquer lugar mesmo.” (Entrevista realizada em 03/02/2025).</p>
Ana Sousa, editora de texto e editora de imagens do JPB2.	<p>“A gente sempre faz tanta coisa dentro da TV que já houveram momentos em que eu não conseguia pensar em coisas criativas. Então, fora do horário de trabalho, eu tô sempre seguindo diversas páginas no Instagram, perfis policiais, tudo o que houver e muitas vezes a ideia boa sai daí. Então, mesmo estando em casa, quando eu abria o meu Instagram e ouvia alguma notícia, eu automaticamente enviava pra pessoa que eu sabia que tava lá [na TV] no horário. Outro detalhes são os grupos de WhatsApp. Sempre recebo muitas informações por lá e acabo anotando tudo para não esquecer. Quando eu chego na redação, já tenho muita coisa pronta.” (Entrevista realizada em 09/01/2025).</p>
Artur Lira, repórter do JPB2.	<p>“Eu estava em casa, de folga, e eu estava saindo da minha casa para a casa do meu primo. No caminho, eu vi num grupo de WhatsApp que tinha acontecido um duplo homicídio. [...] Quando eu cheguei lá, de fato, estava uma perícia sendo realizada. Na época, por que eu fiz isso? Porque eu sabia que era num domingo e era muito tarde. A redação estava fechada e só iriam apurar no outro dia pela manhã. Com o celular, eu consegui fazer um conteúdo que na segunda-feira, quando eu fosse fazer a reportagem, eu já estaria vários passos à frente.” (Entrevista realizada em 09/02/2025).</p>

Fonte: Elaboração própria.

A lógica do teletrabalho, como descrita na seção anterior, não apenas altera o espaço físico da prática jornalística, mas também impõe reconfigurações nas decisões editoriais e na própria construção das pautas. Com a intensificação da

disponibilidade contínua, os jornalistas passam a atuar sob forte pressão temporal e técnica, o que exige decisões rápidas sobre o que será transformado em notícia e como essa notícia será construída. No caso do telejornalismo, onde a imagem, a síntese e a agilidade são elementos centrais, o processo de escolha das pautas torna-se ainda mais estratégico. Isso se dá em razão de que diante da abundância de informações circulando em tempo real e da limitação temporal dos blocos televisivos, cabe aos profissionais operarem como verdadeiros mediadores do fluxo informativo, aplicando de forma crítica os critérios de noticiabilidade e os valores-notícia.

Como destacam Wolf (1994) e Shoemaker (2010), tais critérios funcionam como filtros que determinam a relevância e o enquadramento dos acontecimentos, funcionando em consonância com a teoria do *gatekeeper*, em que os jornalistas atuam como guardiões dos eventos que terão acesso ao noticiário. No caso do JPB2, essa atuação é ainda mais complexa por se tratar de um telejornal local inserido em uma lógica de alta produtividade, exigindo dos jornalistas decisões editoriais em tempo real, muitas vezes realizadas fora da redação e em condições flexíveis de trabalho. No Quadro 15 são apresentadas falas dos jornalistas entrevistados que ajudam a compreender como esses profissionais lidam com a aplicação desses critérios na prática cotidiana da produção televisiva.

Quadro 15 – A lógica da noticiabilidade no cotidiano do telejornalismo local: percepções dos profissionais do JPB2

Profissional	Trecho da entrevista
Hélio Andrade, produtor e editor de texto do JPB2.	<p>Sempre estamos diante de uma enxurrada de informações. Isso acontece não só na função de produção, mas em todas as outras porque as pessoas sempre sabem que estamos a todo tempo em busca de informações relevantes para montar o jornal. Por conta disso, as sugestões de pauta vêm até nós de todos os lados. Muitas vezes é preciso checar a mesma informação várias vezes porque, em alguns casos, por exemplo, é dada uma nova versão a cada nova sugestão feita do mesmo acontecimento. Isso acontece através do nosso celular, do telefone da redação, no nosso e-mail, em grupos de <i>Whatsapp</i>, enfim. Em conjunto com Siqueira vamos vendo que, de fato, merece um espaço na nossa programação. [...] Sempre damos</p>

	prioridade aos factuais e notícias mais quentes. (Entrevista realizada em 28/01/2025).
Lídice Pegado, produtora e vídeo-repórter do JPB2.	Ser jornalista sempre será sinônimo de receber e checar informação, e quando somos produtores esse trabalho é dobrado. Por mais que sejamos uma equipe, cada um precisa dar uma contribuição na produção. Então já se tornou comum eu estar apurando informações em casa mesmo. Quando não tem factual, dou prioridade ao que for mais diferente ou chamativo. Penso em propostas bem inovadoras e levo para redação algo pré-pronto. Lá as propostas são validadas e vemos o que vai ou não para o jornal. Também acontece de termos que fazer apurações com o jornal ao vivo. É uma loucura e muita correria, mas sempre dá certo. (Entrevista realizada em 15/01/2025).

Fonte: Elaboração própria.

Apesar de terem consciência sobre as condições laborais às quais estão submetidos — especialmente no que diz respeito à extensão da jornada, à desestruturação dos horários e à intensificação das demandas — os jornalistas entrevistados reconhecem que, em muitos casos, continuam se entregando a essa lógica por uma motivação que ultrapassa os limites objetivos do contrato de trabalho: o amor pela profissão.

Em suas falas é possível perceber que a paixão pelo jornalismo funciona como um elemento que suaviza, e até mesmo legitima, a dureza da rotina flexitempo. A busca por informar, por cumprir um papel social relevante e por participar ativamente do cotidiano das comunidades locais reforça o comprometimento destes profissionais com aquilo que fazem. Ainda que compreendam os impactos negativos da flexibilização — como a sobrecarga e a dissolução das fronteiras entre tempo pessoal e tempo de trabalho — muitos deles seguem motivados por um vínculo afetivo ao ofício jornalístico (Quadro 16). Trata-se de uma entrega simbólica e vocacional na qual o trabalho deixa de ser apenas uma obrigação e passa a compor, de maneira profunda, a identidade e o propósito de vida destes.

Quadro 16 – Para além do jornalista flexitempo: relatos sobre paixão, identidade e sentido na prática jornalística

Profissional	Trecho da entrevista
Carlos Siqueira, coordenador de Jornalismo do Grupo Paraíba de Comunicação em Campina Grande, chefe de reportagem da TV Paraíba e apresentador do JPB2.	“Dizer que meu trabalho acaba quando eu cruzo o portão da empresa é a maior utopia do mundo porque isso não acontece na prática e eu me realizo com tudo isso. O cargo que eu ocupo é um cargo de confiança, porque eu tenho a apresentação do jornal, a chefia de redação, a coordenação do jornalismo e tudo isso requer meu envolvimento nas horas mais difíceis. Eu faço isso com muito prazer, não reclamo.” (Entrevista realizada em 17/12/2024).
Ana Sousa, editora de texto e editora de imagens do JPB2.	“Quem é jornalista não consegue ser jornalista só quando está na TV. Entro sim no exercício profissional fora da redação, mas é porque, apesar de tudo, eu gosto muito do que eu faço, mas é a tecnologia quem faz a gente ficar antenado o tempo todo.” (Entrevista realizada em 09/01/2025).
Ademar Trigueiro, repórter do JPB2.	“Eu acredito que o jornalismo é um sacerdócio. A gente não deixa de ser jornalista quando a gente sai da redação. Então a gente é jornalista 24 horas por dia. O faro jornalístico está ali 24 horas por dia, está no sangue da gente. Se não tivesse, a gente talvez não fosse jornalista. A nossa função está muito vinculada ao nosso prazer de entregar um bom conteúdo. Não é por dinheiro. Por amor mesmo.” (Entrevista realizada em 03/02/2025).
Sandra Paula, repórter e produtora do JPB2.	“Eu entrava às vezes cedo e saía bem tarde, mas isso fez parte do meu processo de aprendizado. Se eu não tivesse vivenciado tudo isso, eu não teria hoje a experiência que eu carrego. Então eu sou muito grata por tudo que eu passei. Foi difícil? Foi. Passei muito do horário, fiquei muito tempo sem comer, sabe? Foram muitas horas sacrificadas, muitos dias, muitos anos. Valeu a pena? Valeu. Valeu porque eu sou uma pessoa profissionalmente mais madura, com a mente mais aberta. Eu digo que o jornalismo nos faz crescer em todos os aspectos.” (Entrevista realizada em 10/02/2025).

Fonte: Elaboração própria.

Como fechamento destas entrevistas, destaca-se que todos os jornalistas entrevistados classificaram seus ritmos de trabalho como “intensos” e, em determinadas ocasiões, “estressantes”. Embora essa intensidade seja naturalizada no cotidiano profissional, ela é marcada por picos de pressão que exigem resiliência e capacidade de adaptação constantes.

Em meio a este cenário, todos os participantes da pesquisa se reconhecem como jornalistas flexitempo e compreendem que suas atuações ultrapassam os limites convencionais do expediente formal. Essa autopercepção revela a adesão a esta nova lógica produtiva e a internalização de um modelo de trabalho moldado pela tecnologia, pela mobilidade e pela dissolução das fronteiras entre tempo livre e tempo de produção. Trata-se de uma categoria emergente e ainda pouco debatida nos estudos jornalísticos, mas que, no cotidiano das redações, já se impõe como uma realidade concreta e vivida com lucidez onde, muitas vezes, com sacrifício, é exercida por profissionais que seguem atuando com paixão mesmo diante das exigências e contradições da contemporaneidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa foi buscado compreender como as transformações tecnológicas, produtivas e organizacionais impactam diretamente as rotinas do fazer jornalístico, com especial atenção ao contexto da TV Paraíba, emissora de televisão afiliada à Rede Globo em Campina Grande, e à produção do JPB2. Partindo de uma perspectiva que articula conceitos e teorias sobre a produção noticiosa contemporânea, o estudo revelou que o jornalismo atual se estrutura sob novas dinâmicas temporais e espaciais, profundamente influenciado por uma lógica de flexibilização, pela incorporação intensiva de tecnologias digitais e pelo fortalecimento das redações integradas.

Como resultado dessa análise, dois conceitos centrais emergiram como lentes teóricas fundamentais para a compreensão crítica das transformações observadas: o conceito de não-lugar (Augé, 1994) e o perfil do profissional flexitempo (Sennett, 2009). A escolha por tais categorias decorre de investigações anteriores já desenvolvidas ao longo dos últimos anos e ganha, neste trabalho, um novo viés teórico e empírico que amplia a discussão acerca das formas contemporâneas de se fazer jornalismo em contextos cada vez mais fluidos, digitalizados e precarizados.

Neste cenário destaca-se, inicialmente, a coexistência complexa entre dois espaços simbólicos: o lugar antropológico e o não-lugar. No cotidiano dos jornalistas do JPB2, estas duas esferas se entrelaçam de maneira contínua, sendo difícil estabelecer fronteiras nítidas entre o espaço físico da redação e os territórios digitais ou móveis onde boa parte das tarefas se realizam. A presença do jornalista, antes centralizada em um único espaço coletivo e material, hoje se dilui em uma multiplicidade de lugares – ou não-lugares – nos quais se produzem, revisam e transmitem conteúdos jornalísticos. Apesar disso, ainda há uma âncora simbólica nas interações presenciais, na convivência editorial e nos momentos de troca que caracterizam o que foi conceituado como lugares antropológicos. Essa convivência híbrida aponta para uma estrutura produtiva remodelada, na qual o jornalismo transita entre dimensões fixas e móveis, presenciais e remotas, revelando o ponto de constante necessidade adaptativa em que se encontra a profissão.

Avançando nessa reflexão constata-se o predomínio da produção jornalística em não-lugares, realidade particularmente evidente na atuação dos profissionais do

JPB2. Embora ainda existam reuniões presenciais e espaços físicos de socialização, as interações cotidianas, os processos decisórios e a maior parte da produção das reportagens ocorrem através de dispositivos digitais que reforçam as relações distanciadas. A redação, enquanto espaço simbólico de encontro e criação coletiva, perde centralidade frente à lógica de conectividade permanente. Assim, as práticas jornalísticas se tornam mais individualizadas, descentralizadas e ancoradas em redes, aplicativos e plataformas digitais. Esse deslocamento da presença física para uma atuação remota contribui para o esvaziamento das relações de pertencimento e para a intensificação da sensação de transitoriedade nas rotinas de trabalho.

Essa transição não se dá de maneira isolada, mas acompanha o avanço de um modelo técnico-organizacional que vem se desenvolvendo ao longo das últimas décadas. Como foi apontado por diversos estudiosos da área neste trabalho, o progresso técnico da imprensa se entrelaça ao desenvolvimento do capitalismo, sendo impulsionado por demandas de produtividade e aceleração. No caso específico da TV Paraíba e da sua produção no JPB2, a pesquisa mostrou que essa dinâmica aproxima-se das lógicas do toyotismo, modelo produtivo baseado na multifuncionalidade, na flexibilização das tarefas e no uso intensivo da tecnologia. Os jornalistas atuam sob uma lógica que exige agilidade extrema, adaptação contínua e capacidade de executar múltiplas funções em ciclos produtivos cada vez mais curtos e intensos.

Com isso, evidencia-se que o fazer jornalístico atual está imerso em uma lógica tipicamente pós-industrial que marca a digitalização das operações, a virtualização dos processos e a exigência de um profissional capaz de atuar sob uma multiplicidade de formatos e linguagens. No contexto do JPB2 foi inferido que os equipamentos digitais tornaram-se ferramentas indispensáveis para o exercício cotidiano da profissão, viabilizando desde a apuração até a finalização do conteúdo. No entanto, essa mesma tecnologia impõe uma nova ordem temporal ao trabalho: não há mais separações claras entre os momentos de produção e descanso, e o tempo de vida se mistura com o tempo de trabalho em um ritmo contínuo. Assim, embora os recursos tecnológicos proporcionem mobilidade, conectividade e inovação, eles também impõem um ritmo de trabalho acelerado e multitarefa que desafia diariamente os profissionais.

Neste cenário, ganha força o modelo das redações integradas que representa uma tentativa das empresas jornalísticas de se adaptarem às exigências do novo ecossistema capitalista-midiático. Na estrutura da Rede Paraíba de Comunicação, em Campina Grande, essa integração se concretiza no compartilhamento de um mesmo espaço físico entre a TV Paraíba, os portais g1 Campina Grande, ge, Jornal da Paraíba e a rádio CBN. A convergência entre estes veículos estimula o compartilhamento de pautas, a circulação de conteúdos entre plataformas e o trabalho colaborativo entre equipes distintas. Embora represente um avanço em termos de sinergia e aproveitamento de recursos, este modelo também intensifica a sobrecarga sobre os profissionais que passam a atuar em diferentes frentes, muitas vezes de forma simultânea e com prazos cada vez mais apertados.

Essa estrutura organizacional mais enxuta, aliada à pressão por produtividade, tem levado à diminuição do número de profissionais fixos nas redações. A concentração de funções em poucos trabalhadores e a presença de estagiários são aspectos observados na redação do JPB2. Esse enxugamento, longe de ser uma característica pontual, reflete uma tendência mais ampla no jornalismo brasileiro, impulsionada por uma lógica de racionalização econômica e de flexibilização contratual. A redução das equipes intensifica o acúmulo de funções, aumenta a carga de trabalho e impõe aos profissionais uma rotina de constante readaptação.

Dentro dessa configuração, é possível identificar o fortalecimento do perfil multitarefa, amplamente relatado pelos jornalistas entrevistados. Trata-se de um profissional que precisa dominar habilidades técnicas, operacionais e editoriais, além de transitar com desenvoltura entre diferentes plataformas. A rotina envolve, muitas vezes, produzir conteúdo, redigir textos, editar imagens, revisar roteiros e, em alguns casos, atuar na apresentação. Essa multiplicidade de funções, embora exija um alto nível de competência, também gera sobrecarga e uma sensação constante de urgência na qual o tempo nunca parece suficiente.

Outro desdobramento da lógica multitarefa é a atuação do vídeo-repórter, figura que tem ganhado espaço no jornalismo da TV Paraíba. A função, embora ainda não seja uma prática institucionalizada em todas as emissoras, já se observa como um incentivo crescente ao acúmulo das funções de repórter e cinegrafista, sobretudo em cenários de escassez de recursos orçamentários. No caso do JPB2, uma jornalista exerce oficialmente este papel, mas os demais profissionais

reconhecem que há um movimento interno de estímulo à adoção deste modelo, especialmente em coberturas de menor complexidade. O vídeo-repórter representa, assim, um símbolo das exigências de um mercado que busca agilidade, economia e adaptabilidade. Não é uma função nova no telejornalismo (Paternostro, 2006), mas que vem se intensificando.

Conectado a este perfil observa-se, também, a presença marcante do jornalista multiplataforma que se caracteriza pela capacidade de adaptar conteúdos jornalísticos para diferentes veículos e pela exploração das potencialidades de cada canal de comunicação. No JPB2, os jornalistas produzem para a TV, g1, redes sociais e, em alguns casos, para programas da rádio CBN. Essa lógica de atuação demanda domínio de diferentes linguagens, sensibilidade editorial e conhecimento técnico para operar equipamentos e plataformas variadas. A multiplicidade de telas redefine o formato das narrativas jornalísticas e reorganiza as formas de distribuição e recepção da informação, conforme relatado nas entrevistas.

Neste contexto de atuação para diversas telas, emerge também a produção de conteúdos especialmente voltados para os meios digitais. Os jornalistas do JPB2 relatam experiências de adaptação de matérias, originalmente pensadas para o telejornal em versões otimizadas, para redes sociais com linguagem mais acessível, recursos visuais distintos e estratégias de engajamento específicas. Essa adaptação não é apenas estética, mas simbólica, já que revela um novo entendimento sobre os modos de circulação da notícia e os públicos a serem alcançados. A notícia, neste modelo, se desdobra em múltiplos formatos e se completa na interação entre plataformas.

As tentativas de aproximação com o público fazem parte dessa estratégia. Em tempos de disputas acirradas por audiência, os telejornais buscam construir relações mais diretas com o público. A linguagem mais informal, a presença ativa nas redes sociais e a abertura para interações em tempo real são elementos que redefinem a função social do jornalismo televisivo. No caso do JPB2, as práticas relatadas pelos profissionais indicam uma preocupação crescente em dialogar com o público, especialmente nas plataformas digitais onde o *feedback* é mais imediato e contínuo. Para além de um canal de informação, o telejornal se torna, assim, um espaço de escuta e de construção coletiva de sentidos.

É neste meio multifacetado que se insere o perfil do jornalista flexitempo, figura central deste estudo. Diferentemente dos demais perfis profissionais que

dizem respeito, sobretudo, a "como" e "onde" se produz jornalismo, o flexitempo se define pelo "quando" e "por quanto tempo". Trata-se de um profissional cuja jornada ultrapassa os limites contratuais, que atua de forma contínua, adaptável e conectada, mesmo fora da redação. Suas práticas são moldadas por uma lógica de presença ininterrupta em que a vida pessoal e o trabalho se entrelaçam de maneira quase inseparável. O conceito de jornalista flexitempo, ainda pouco explorado nos estudos sobre jornalismo, revela-se fundamental para compreender as novas formas de organização do tempo e do espaço no cotidiano profissional dos jornalistas brasileiros.

Essa configuração se expressa, sobretudo, na prática do teletrabalho. Os profissionais entrevistados relatam que muitas tarefas — como edição de textos, revisão de roteiros e até marcação de entrevistas — são realizadas fora da redação a partir de casa, do carro ou de outros espaços transitórios. O lar, antes espaço de descanso, passa a operar como uma extensão do ambiente de trabalho. A sensação de sobrecarga se intensifica, uma vez que o tempo livre é constantemente invadido por demandas urgentes, ligações de colegas ou notificações de aplicativos. Essa realidade é emblemática de um modelo produtivo que desloca o controle do tempo e impõe uma disponibilidade permanente.

Apesar de todas estas exigências, os jornalistas do JPB2 demonstram uma forte conexão afetiva com a profissão. Em suas falas, a paixão pelo jornalismo aparece como elemento mobilizador que suaviza a dureza das rotinas e legitima a entrega ao trabalho. A vocação para informar, o compromisso com a comunidade e o desejo de cumprir uma missão social são aspectos recorrentes que revelam a dimensão simbólica do ofício. Mesmo diante das precariedades, estes profissionais continuam se reconhecendo no papel que desempenham e valorizando a função que exercem na sociedade.

Por fim, pode-se afirmar que o jornalismo praticado nas condições analisadas neste estudo é resultado de um conjunto de forças que operam simultaneamente: a transformação tecnológica, a reestruturação produtiva, a incorporação de novos perfis profissionais e a flexibilização extrema do tempo e do espaço de trabalho. O conceito de não-lugar se mostra essencial para compreender o deslocamento territorial das práticas jornalísticas, enquanto o flexitempo oferece uma chave interpretativa potente para pensar as novas temporalidades do ofício. Juntos, estes dois conceitos permitem visualizar um jornalismo que é, ao mesmo tempo, precário

e resiliente, flexível e sobrecarregado, fragmentado e comprometido. Este trabalho, portanto, não se encerra em si mesmo, mas constitui um desdobramento de investigações anteriores e, sobretudo, um convite à continuidade da reflexão sobre os modos contemporâneos de se fazer jornalismo em tempos de instabilidade e transformação permanente.

6 REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- ALVES, Yago Modesto. **Explanações teóricas sobre o mobile first e mobile only no jornalismo**. Anais da III Jornada Interdisciplinar do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal de Tocantins: a construção do conhecimento na pós-graduação. v 3, p. 37-42, 2018. Disponível em: <https://umbu.uft.edu.br/bitstream/11612/1104/1/Anais%20III%20Jornada%20Interdisciplinar%20do%20PPGCom.pdf>
- ABREU, Alzira Alves de. **A modernização da imprensa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002 (Descobrindo o Brasil), ISBN 85-7110-685-1.
- ALMEIDA, Francisco A. Oliveira de. Tecnologia, revoluções industriais e o negócio do jornalismo em processo de transformação. **Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional**, N° 20, p. 261-262, 2016.
- ANDERSON, C.W. O jornalismo pós-industrial. Revista: Jornalismo ESPM. **Edição brasileira da Columbia Journalism Review**, N° 5 - A N O II - 3 0 / 0 6 / 2 0 1 3 ISSN 2238 - 2305 (online).
- ANTUNES, Ricardo. **Trabalho intermitente e uberização do trabalho no limiar da indústria 4.0**. In Antunes, Ricardo. (Org.). Uberização, trabalho digital e indústria 4.0. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 11-22.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus Editora, 1994.
- AUGÉ, Marc. **A guerra dos sonhos**. Oeiras: Editora Celta, 1998.
- BASTOS, Helder. A diluição do jornalismo no ciberjornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 284–298, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924>.
- BECKER, Beatriz. Tendências e desafios da produção noticiosa audiovisual - Contribuições do Grupo de Pesquisa Mídia, Jornalismo Audiovisual e Educação - diálogos possíveis do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ. In: Emerim, Cárlida; Coutinho, Iluska.; Finger, Cristine. (orgs) **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2018. p.145-172.
- BERTOLINI, Jeferson. **Jornalista multimídia e multitarefa**: o perfil contemporâneo do trabalho precário no jornalismo. Universidade Federal de Santa Catarina Graduação, 2016.
- BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. **Remediation: understanding new media**. Cambridge: MIT Press, 1999.

CANAVILHAS, João. **Jornalismo transmídia**: um desafio ao velho ecossistema midiático. Periodismo transmedia: miradas múltiples, p. 53-68. Bogotá: Editorial Universidad del Rosario, 2013.

CANAVILHAS, João; RODRIGUES, Catarina. **Jornalismo Móvel**: Linguagem, gêneros e modelos de negócio, Covilhã: LabCom, 2017.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**; reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CERQUEIRA, Laerte. **A função pedagógica do Telejornalismo e os saberes de Paulo Freire na prática jornalística**. Florianópolis: Insular, 2018.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Valores, ordenamentos de conduta e subsistência do jornalismo. (2013). In: Anais do 20º Encontro Anual da Compós, 2011, Porto Alegre. **Anais eletrônicos**. Campinas, Galoá, 2011. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2011/trabalhos/valores-ordenamentos-de-conduta-e-subsistencia-do-jornalismo>

CHOAY, Françoise. **O patrimônio em questão**. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2011.

COSTTA, Andriolli. Os caminhos para um jornalismo pós-industrial. Revista: jornalismo pós-industrial: caminhos para um pós-jornalismo. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, N° 447, ano XIV, ISSN 1981 - 8769 (impresso) ISSN 1981 - 8793 (online).

CURADO, Olga. **A notícia na TV**: o dia-a-dia de quem faz telejornalismo. São Paulo: Alegro, 2002.

DEUZE, Mark. **Journalism Studies Beyond Media**: On Ideology and Identity, Ecquid Novi, 25(2). pp. 275-93, 2004.

DRUCK, Maria da Graça. **Terceirização**: (Des)Fordizando a Fábrica: um estudo do complexo petroquímico da Bahia. São Paulo: Boitempo, 1999.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2015.

EMERIM, Cárliida. **Telejornalismo ou jornalismo para telas**: a proposta de um campo de estudo. Revista: Estudos em Jornalismo e Mídia. Volume 14, nº 2, 2017. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2017v14n2p113>

FERRÉS, Joan; PISCITELLI, Alejandro. La competencia mediática: propuesta articulada de dimensiones e indicadores. **Comunicar**, N° 38, año XIX, Revista Científica de Educomunicación, p. 75-82.

FRANÇA, Vera. **Alcance e variações do conceito de midiatização**. In: Ferreira et al. Redes, sociedade e pólis: recortes epistemológicos na midiatização. Santa Maria: FACOS/UFSM, (2020).

GARCÍA AVILÉS, José Alberto; CARVAJAL, Miguel. **Integrated and Cross-Media Newsroom Convergence Two Models of Multimedia News Production – The Cases of Novatécnica and La Verdad Multimedia in Spain**. Convergence: the International Journal of Research into New Media Technologies. Sage, 2008.

GIBSON, William. **Neuromancer**. 5º edição. São Paulo: Editora Aleph, 1984.

GOMES, Itânia Maria Mota. **Gênero televisivo como categoria cultural: um lugar no centro do mapa das mediações** de Jesús Martín-Barbero. Revista FAMECOS, Porto Alegre, v.18, n.1, p.111-130, 2011.

GREIMAS, A. J; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Cultrix, 2016.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2015.

KARAM, Francisco José Castilhos. **Jornalismo, ética e liberdade**. 4.ed. São Paulo: Summus, 2014.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Convergência nas redações: Mapeando os impactos do novo cenário midiático sobre o fazer jornalístico**. In: Rodrigues, Carla (org). Jornalismo OnLine: Modos de fazer. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Sulina, 2009.

LAGE, Nilson; MENEZES, Paulo Ricardo. **Manual de Jornalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo hipermidiático**: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica. 2009. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, Salvador, 2009. Disponível em: <https://www.labcom.ubi.pt/livro/24>

LÓPEZ-GARCÍA, Xosé, TOURAL-BRAN, Carlos., PEREIRA-FARIÑA, Xosé., & BARBOSA, Suzana. **Automatización de las bases de datos: potencialidades de herramientas básicas para otro periodismo posible**: Bases de datos, Periodismo electrónico, Periodistas digitales, Nuevas herramientas, Información de calidad. El Profesional de la Información, 2009. Disponível em: <https://revista.profesionaldelainformacion.com/index.php/EPI/article/view/5304>

LÔRDELO, Tenaflae da Silva. **Rotinas produtivas flexíveis**: as tendências e perspectivas do telejornalismo em redes televisivas no contexto da convergência no Brasil. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/14080>

MARTINS, Elaide. Telejornalismo na era digital: aspectos da narrativa transmídia na televisão de papel. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, SBPJor, N° 2, 2012, p. 97-117.

MEDEIROS, Ana Lúcia. **O noticiador-noticiado**. In: BRAGA, José Luis. et al. Matrizes internacionais: a comunicação constrói a sociedade. Campina Grande: EDUEPB, p. 225-251, 2018.

MEDINA, Cremilda. **Notícia um produto à venda**. Jornalismo na Sociedade Urbana e Industrial. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988.

MEDITSCH, Eduardo. **O jornalismo é uma forma de conhecimento**. Bocc – Biblioteca on-line de ciências da comunicação. Covilhã, PT: UBI, 1997, disponível em <https://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>

MICÓ, Josep; MASIP, Pere; BARBOSA, Suzana. **Modelos de convergência empresarial na indústria da informação. Um mapeamento de casos no Brasil e na Espanha**. 2009. In: Brazilian Journalism Research, v.5, nº1, disponível em <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/198/197>

MIELNICZUK, Luciana; MARQUES, Iuri Lammel. **Sistemas publicadores para webjornalismo**: mapalink, um protótipo para produtos de terceira geração. Salvador: EDUFBA, 2007.

NICOLETTI, Janara. **Reflexos da precarização do trabalho dos jornalistas sobre a qualidade da informação**: proposta de um modelo de análise. Tese (Doutorado em Jornalismo) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

NUNES, Ana Flávia Paulinelli Rodrigues; SOUZA, Douglas Modesto. As relações de trabalho e as plataformas digitais: entre discursos e verdades. **Revista do curso de Direito do UNIFOR**, V 9, N° 2, p. 74-92, 2018. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/503>.

OLIVEIRA, Aline Barbosa; OLIVEIRA JUNIOR, André Luis Barbosa de; LIMA, Verônica Almeida de Oliveira. O jornalista flexitempo campinense na pandemia de covid-19. Revista Iniciacom: **Revista Brasileira de Iniciação Científica em Comunicação Social**, V 10, N° 2 (2021).

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV**: manual de telejornalismo. 2.ed., rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006. 10a reimpressão.

PENA, Felipe. **Teorias do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005

PEREIRA JR., Alfredo Eurico Vizeu. **Decidindo o que é notícia:** os bastidores do telejornalismo. 4^a Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

PRADO, Magaly. **Webjornalismo.** São Paulo: LTC, 2011.

RIBEIRO, Andresa de Freitas. **Taylorismo, fordismo e toyotismo.** Lutas Sociais, [S. I.], v. 19, n. 35, p. 65–79, 2015. DOI: 10.23925/ls.v19i35.26678. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/26678>.

SÁ, Teresa. Lugares e não lugares em Marc Augé. **Tempo Social**, São Paulo, Brasil, v. 26, n. 2, p. 209–229, 2014. [DOI: 10.1590/S0103-20702014000200012](https://doi.org/10.1590/S0103-20702014000200012). Disponível em: <https://revistas.usp.br/ts/article/view/97978>.

SALAVERRÍA, Ramón. **Multimedialidad:** informar para cinco sentidos. In: Canavilhas, João (org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença.** Covilhã: LABCOM, 2008.

SALAVERRÍA, Ramón. Periodismo digital: 25 años de investigación. Artículo de revisión. **Revista El Professional de la Información**, V 1, N° 3 (2019).

SALAVERRÍA, Ramón; NEGREDO, Samuel. **Periodismo Integrado.** Convergencia de Medios y Reorganización de Redacciones. Barcelona: editorialSol90media, 2008.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e pesquisa:** projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SCHLESINGER, Philip. **Os jornalistas e a sua máquina do tempo.** In: Lisboa: Veja, 1993.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter:** as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 14.ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SHOEMAKER, Pamela. **Gatekeeping.** Newbury Park: Sage Publications. 2010.

SILVA, Edna de Melo. **Fases do Jornalismo.** Uma proposta epistemológica. In: Emerim, Cárlida; Coutinho, Iluska; Finger, Cristine. (orgs.). **Epistemologias do telejornalismo brasileiro.** Florianópolis: Insular, 2018.

SILVA, Fernando Firmino da. **Jornalismo móvel.** Salvador: ADUFBA, 2015, (Coleção Cibercultura) ISBN 978-85-232-1378-7.

SILVA FILHO, Linderson Pedro da. **O fordismo, o pós-fordismo e a sua influência sobre a determinação de salários no Brasil.** São Paulo: USP, 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil.** São Paulo: Martins Fontes, 1983.

STARKMAN, Dean. **The hamster wheel: why running as fast as we can is getting us nowhere**. Columbia Journalism Review, 2010. Disponível em: https://www.cjr.org/cover_story/the_hamster_wheel.php

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

VELOSO, Renato. **Tecnologias da informação e da comunicação: desafios e perspectivas**. São Paulo: Saraiva, 2011

VIZEU, Alfredo Eurico. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo**. BOOC – Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2022. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-decidindo-noticia-tese.pdf>.

VIZEU, Alfredo Eurico. **O lado oculto do telejornalismo**. Florianópolis: Calandra, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editora Presença, 1994.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois?** Uma teoria crítica das novas mídias. Porto Alegre: Sulina, 2012.

WOOD JÚNIOR, Thomaz. Fordismo, toyotismo e volvismo: os caminhos da indústria em busca do tempo perdido. **Revista de Administração de Empresas**, N°4, p. 6-18, 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v32n4/a02v32n4.pdf>.

ZELIZER, Barbie. **Why Journalism Is About More Than Digital Technology**. In: Digital Journalism, 7:3. 343-350, (2019).

APÊNDICE A

Instrumento para coleta de dados

Roteiro de entrevista para a conclusão da dissertação do Programa de Pós-graduação em Jornalismo (PPJ/UFPB)

Os Não-Lugares e a Emergência do Jornalista Flexitempo nas Produções em Telejornalismo

1 - Descreva sobre seus hábitos diários dentro da redação;

2 - Em sua jornada profissional na televisão, você acompanhou a incorporação ou a atualização de algumas ferramentas tecnológicas em seu espaço de trabalho? Como estas alterações tecnológicas influenciaram a maneira como você realiza suas atividades?;

3 - Quais são os equipamentos tecnológicos que você utiliza mais frequentemente em sua rotina de trabalho?;

4 - Você nota que a inserção das atualizações tecnológicas têm promovido um aumento na produtividade do seu trabalho?;

5 - Você entende que é crucial possuir competências diversas em comunicação, como edição, fotografia e redação, por exemplo, para o seu campo de atuação? Em meio a esta necessidade, você acredita que faz de tudo isso um pouco? Como?;

6 - Qual é o seu horário de trabalho segundo o seu contrato empregatício?;

7 - Você realiza suas tarefas fora da TV? Se sim, por qual motivo e de que modo isso ocorre?;

8 - Você crê que exercer suas funções em locais externos ao seu local de trabalho principal permite que você tenha controle sobre suas atividades diárias?

9 - Você já precisou ficar além do horário estabelecido para concluir suas tarefas?
Isso acontece com que frequência?;

10 - Como você administra a pressão de cumprir algumas tarefas fora do horário convencional? De que forma isso afeta seu desempenho?;

11 - Você julga que sua equipe de trabalho possui o número adequado de pessoas para realizar as atividades necessárias para colocar o jornal no ar?;

12 - Qual seria a sua percepção sobre o ritmo do seu trabalho: intenso, equilibrado, estressante ou nenhuma destas categorias?